

LT 155



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

*A Morfofonologia das Marcas do Passado Remoto Imperfectivo em*

*Emakhuwa*

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção  
do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

Maurício Bernardo

Maputo, 2005

U.E.M. - F.L.C.S.

R. E.....  
DATA...../...../.....  
AQUISIÇÃO.....  
COTA.....

LT-155

**A MORFOFONOLOGIA DAS MARCAS DO PASSADO REMOTO  
IMPERFECTIVO EM EMAKHUWA**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção  
do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane por:

Maurício Bernardo

Departamento de Linguística e Literatura

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Professor Catedrático Armindo Ngunga

Maputo, 2005

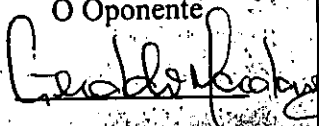
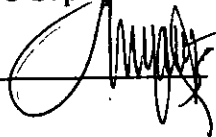
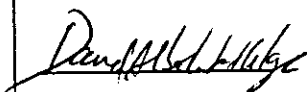
O Júri:

O Presidente

O Supervisor

O Oponente

Data



15/12/05

U.E.M. - F.L.C.S.	
R. E.	30.606
DATA.	15.12.2005
AQUISIÇÃO.	Arquivo
COTA.	L.T.-155

## DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas nela a bibliografia e as fontes por mim usadas.

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Bernardo Marraca, à mana Teresa e à maninha, que a Paz esteja Convosco!

## AGRADECIMENTOS

Reconhecendo que esta dissertação não é somente produto do meu esforço, como também do esforço de algumas pessoas, reservo esta página para endereçar os meus profundos agradecimentos a todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para tornar possível este trabalho, quer em termos materiais quer em termos morais.

Em primeiro lugar, endereço o meu agradecimento ao Professor Catedrático Armindo Ngunga, meu supervisor, pelo acompanhamento e pela força e paciência, sobretudo pela atenção, dedicação e insistência, caracteres que me fizeram acreditar que este estudo seria possível dentro do período regulamentar.

Ao meu primeiro supervisor, Prof. Doutor Marcelino Liphola, pelo carinho que sempre me proporcionou, para além de me ter acreditado e afirmado na área das línguas bantu. Infelizmente, por motivos de doença, ele não me pôde acompanhar até a fase final deste trabalho.

À mana Júlia e seu esposo, dr. Molesse, pela atenção e pelo apoio inestimável que me deram desde os meus estudos primários até o nível superior. À minha mãe, Catarina, pela educação de casa e pelo constante encorajamento. À Maurina, Karina e Rosa, pela paciência incansável, pois eu devo-lhes a atenção e o afecto familiar.

A todos os meus colegas do curso, especialmente aos drs. David António, Osvaldo, Manuel Jr, Nelsa e Cláudia Miranda, pela força que sempre me transmitiram.

Aos meus amigos, Baxir, Ângelo, Bacas, Saimone, pela companhia quotidiana.

A todos os informantes da língua Makhuwa, pela simpatia e paciência tida durante as minhas entrevistas.

E a Deus Senhor, pois o seu poder é inquestionável.

## RESUMO GERAL

O presente trabalho, enquadrado na área de estudo das línguas bantu de Moçambique, cinge-se à descrição das marcas do passado remoto imperfectivo em Emakhuwa. É um estudo orientado quer para a identificação dos morfemas que marcam o passado remoto e as diversas formas do aspecto imperfectivo desse mesmo tempo na língua em estudo, quer para a análise das manifestações fonológicas dos morfemas em causa nas formas verbais afirmativas e negativas.

O estudo é constituído por cinco capítulos a saber: a introdução que, além de apresentar o tema em estudo, a motivação e a classificação da língua e a localização espacial dos seus falantes, identifica ainda a importância de estudo, os objectivos, a contribuição e a organização desta pesquisa;

O segundo capítulo é de metodologia de investigação que faz a descrição das estratégias seguidas na obtenção e análise dos dados e na caracterização dos informantes.

O terceiro capítulo, que é referente à revisão da literatura, discute os conceitos básicos do nosso estudo, bem como passa em revista alguns trabalhos dedicados ao estudo das línguas bantu no geral, e do Emakhuwa em particular.

O quarto capítulo mostra como se comporta *o passado remoto imperfectivo em Emakhuwa*, examinando, neste sentido, as marcas morfológicas do tempo *passado remoto* e do aspecto *imperfectivo* desse mesmo tempo.

Finalmente, o quinto capítulo que apresenta, a partir das observações constatadas no decurso desta investigação, as conclusões e devidas recomendações para futuros trabalhos.

## LISTA DE FIGURAS / ESQUEMAS

Esquema 1: Estrutura do verbo nas línguas bantu

Esquema 2: Representação do tempo verbal na maioria das línguas do mundo

Esquema 3: Representação do tempo verbal em Emakhuwa

Esquema 4: Representação do tempo verbal na língua Nyanja

Esquema 5: Representação da oposição aspectual

## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

INDE	= Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação
NELIMO	= Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas
SPE	= The Sound Pattern of English
MA	= Marca de aspecto
MN	= Marca de negação
MO	= Marca de objecto
MS	= Marca de concordância de sujeito
MT	= Marca de tempo
VT / VF	= Vogal terminal / Vogal final
Cl.	= Classe nominal
Cf.	= Confira
//	= Estrutura de base
[ ]	= Estrutura de superfície
Ø	= Elisão de segmento
→	= Realiza-se
+	= Fronteira de morfema
α	= Do mesmo traço distintivo
>	= Resulta em
/	= Na condição fonológica de
-	= Contexto de ocorrência do som destacado



## ÍNDICE

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo Geral.....	iv
Lista de Figuras / Esquemas.....	v
Lista de Abreviaturas e Símbolos.....	vi
Índice.....	vii
<b>CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.0 Introdução.....	1
1.1 A língua Makhuwa.....	3
1.1.1 Os falantes nativos e o núcleo de Emakhuwa.....	4
1.2 Objectivos e contribuição de estudo.....	6
1.3 Organização do trabalho.....	7
<b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE TRABALHO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO III – REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>11</b>
1.0 Introdução.....	11
1.1 Fonologia.....	11
1.2 Morfologia.....	17
1.2.1 Morfologia verbal.....	18
1.2.2 Tempo verbal.....	21
1.2.3 Aspecto verbal.....	24

**CAPÍTULO IV – A MORFOFONOLOGIA DAS MARCAS DO PASSADO**

**REMOTO IMPERFECTIVO.....28**

- 1.0 Introdução.....28
- 1.1 O tempo verbal em Emakhuwa.....28
- 1.2 Passado remoto.....31
- 1.3 Passado remoto imperfeito.....32

**CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....44**

- 1.0 Introdução.....44
- 1.1 Conclusões.....44
- 1.2 Recomendações.....47

**Bibliografia.....48**

**Anexos.....ix**

**Anexo 1.....x**

**Anexo 2.....xxv**

**Anexo 3.....xxxiii**

## CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

### 1.0 Introdução

O presente trabalho pretende descrever as marcas morfológicas do *passado remoto imperfectivo* em Emakhuwa, examinando a conjugação verbal nas duas formas: afirmativa e negativa.

Como se sabe, nos últimos anos, as línguas bantu faladas em Moçambique têm conquistado novos espaços nos domínios de ensino formal e de comunicação social.

Apesar disso, o seu estudo ainda não cobre os aspectos relevantes das suas gramáticas, pois a utilização das línguas moçambicanas<sup>1</sup> no ensino e a expansão do seu uso na comunicação social exigem ainda mais trabalhos de sistematização do seu conhecimento através da descrição e análise das categorias linguísticas.

Havendo necessidade de descrição e do conhecimento científico da língua Makhuwa<sup>2</sup>, o presente estudo pretende dar um contributo para o seu desenvolvimento, tanto em termos de sua própria expansão como em termos de expansão do material escrito de que ela carece.

Para tal, o presente trabalho propõe-se a examinar a variante designada Emakhuwa falada na cidade de Nampula e arredores<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> *Línguas moçambicanas* é a designação que muitos estudiosos, como Ngunga (2004), Siteo & Ngunga (2000), entre outros, usam ultimamente para se referir às línguas bantu faladas em Moçambique.

<sup>2</sup> As designações Emakhuwa ou Makhuwa, Elomwe ou Lomwe, etc. poderão alternar ao longo desta pesquisa de acordo com a situação discursiva.

<sup>3</sup> Cf. Siteo & Ngunga (2000: 67).

Várias razões ditaram a escolha desta variante. Por um lado, deveu-se ao facto de ela ter sido tomada como variante de referência em vários estudos sobre a língua, como são os casos de Prata (1960; 1990), Siteo & Ngunga (2000), Afido (1997a), entre outros. Por outro lado, deveu-se ao reconhecimento de inteligibilidade mútua desta variante com as outras. Por isso, a ortografia da língua Makhuwa proposta no *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas* (Siteo e Ngunga, 2000) e adoptada neste estudo, foi também baseada na variante Emakhuwa. Para além de que o autor deste trabalho fala esta variante.

Quando afirmamos que o presente trabalho pretende descrever as marcas do *passado remoto imperfectivo em Emakhuwa*, estamos-nos, implicitamente, a comprometer a descrever em paralelo, tanto o tempo *passado remoto* como o aspecto *imperfectivo* desse mesmo tempo, pese embora o facto de muitos estudos, como Comrie (1976; 1985), demonstrarem que o tempo e o aspecto constituem duas categorias gramaticais distintas. Daí a razão de serem estudados separadamente o que, em parte, é verdade. Contudo, também é verdade que estas duas categorias não se dissociam uma da outra porque, de facto, o aspecto reflecte a semântica dos valores temporais, visto que, de acordo com Comrie (1976), enquanto o tempo localiza a ocorrência de uma situação relativamente ao momento de enunciação, o aspecto é uma categoria que indica as diferentes formas de se conceber a constituição temporal interna dessa situação.

Porém, a diferença entre estas duas categorias não as torna necessariamente autónomas uma da outra, pois, segundo Macalane (1993), o tempo e o aspecto estabelecem entre si relações estreitas porque, em certas línguas, a relação entre eles é tão profunda que torna difícil falar de um sem fazer menção ao outro.

Como este estudo se cinge à análise de categorias gramaticais de Emakhuwa, a seguir vamos apresentar a língua, a sua classificação e a localização espacial dos seus falantes.

### 1.1 A língua Makhuwa

A descrição das línguas bantu<sup>4</sup> faladas em Moçambique no geral, e do Emakhuwa em particular, continua até agora insuficiente para as necessidades que existem sobre o seu conhecimento científico.

Os poucos estudos apresentam dados adversos, apesar de terem contribuído em grande medida na descrição desta língua.

Entre os vários trabalhos descritivos sobre a língua Makhuwa, observa-se que:

a) Ao classificar as línguas bantu, Guthrie (1967-71) considera que a língua Makhuwa, à qual atribui o código P31, pertence ao Grupo Makhuwa (P30), constituído por Lomwe (P32), Ngulu (P33) e Chuwabo (P34).

Neste sentido, Guthrie (op. cit.) classifica estas unidades linguísticas como línguas autónomas que podem ou não ter variantes, e refere ainda que a maior parte destas línguas é falada somente em Moçambique, exceptuando o Ngulu que também é falado em Malawi.

b) Katupha (1988) considera Elomwe e Echuwabo como variantes da língua Makhuwa.

c) Prata (1960) divide a língua Makhuwa em blocos dialectais, entre os quais "grandes" (Makhuwa do Centro, Lomwe, Chirima, Chaca, Metto, Makhuwa de Cabo

---

<sup>4</sup> A designação *línguas bantu* foi usada pela primeira vez por Bleek (cf. Canonici, 1991:8) para se referir a um grupo de línguas africanas com características comuns e com semelhanças do termo morfológico que designa *pessoa* (do prefixo da classe 2, "ba-" e do respectivo tema nominal "-ntu").

Delgado e Makhuwa do Rovuma) e “pequenos” (Marevoni, Nampamela, Mulai, Nahara, Koti, Sankaci e Kimwani).

Na mesma análise, Prata (op. cit.) refere que Koti, Sankaci e Kimwani são variantes de Swahili, mas que estão no espaço “geográfico” Makhuwa.

d) E os estudos mais recentes, como Siteo & Ngunga (2000), Victorino (1995) e Afido (1997a), consideram existir na língua Makhuwa oito (8) variantes mais distintas e significativas, designadamente Emakhuwa, Enahara, Esaaka, Esankaci, Emarevoni, Elomwe, Emeetto e Eshirima. O presente estudo segue esta percepção.

#### 1.1.1 Os falantes nativos e o núcleo de Emakhuwa

Segundo Victorino (1995), o núcleo central de Emakhuwa encontra-se no norte de Moçambique, especificamente na cidade de Nampula e arredores. Nas províncias circunvizinhas, tais como Cabo Delgado, Niassa e Zambézia, assim como em algumas partes da província de Nampula são faladas as restantes variantes desta língua.

A centralidade da variante da cidade de Nampula e arredores deve-se não só ao reconhecimento de inteligibilidade mútua desta com as outras, como também, segundo NELIMO/INDE (1989: 42), à não “existência de um outro grupo étnico (originário) que fala uma língua diferente de Emakhuwa” além do Koti. Contudo, estes factores, segundo Victorino (op. cit.), são questionáveis por serem pouco consistentes. Victorino (ibidem) sustenta que, a escolha de uma variante como referência (norma) deve ter em conta os critérios fundamentados também por factores históricos, culturais e sociais que determinaram as relações entre os povos e não meramente linguísticos.

O estabelecimento da variante de referência na língua Makhuwa pressupõe, tal como em muitas línguas naturais, a existência de um conglomerado de variantes.

Apesar de o centro da língua ser localizado na província de Nampula e referir-se que a variante de referência é falada na Cidade-capital e arredores, nomeadamente Mecubúri, Muecate, Meconta, parte de Murrupula, Mogovolas, parte de Ribáwe e Lalawa, assume-se também que a mesma variante seja ainda falada, de acordo com Siteo & Ngunga (op. cit.), no distrito de Pebane, província da Zambézia, e parcialmente nos distritos de Mecanhelas, Cuamba, Maúa, Metarica e Nipepe, província do Niassa.

Portanto, as restantes variantes, conforme Siteo & Ngunga (ibidem), são distribuídas da seguinte maneira:

- Enahara, apenas falada na província de Nampula, especificamente nos distritos de Mossuril, Ilha de Moçambique, Nacala-Porto, Nacala-a-Velha e parte de Memba;
- Esaaka, falada nos distritos de Eráti, Nacarôa e parte de Memba, província de Nampula; e nos distritos de Chiúre e Mecúfi, província de Cabo Delgado;
- Esankaci, falada somente numa parte de Angoche, província de Nampula;
- Emarevoni, falada numa região de Moma e Mogincual, província de Nampula; e numa parte de Pebane, província da Zambézia;
- Elomwe, falada no distrito de Malema, parte de Ribáwe, parte de Murrupula e parte de Moma, província de Nampula; e em Gurúe, Gilé, Alto Molócue, Ile, norte de Mocuba e parte de Milange, província da Zambézia;
- Emeetto, falada nos distritos de Montepuez, Balama, Namuno, Pemba, Ancuabe, parte de Quissanga, Meluco, Macomia e Mocímboa da Praia, província de Cabo Delgado; e em Marrupa e Maúa, província do Niassa.

- E Eshirima, falada somente na província do Niassa, especificamente em Metarica e Cuamba.

Veja-se que nesta classificação, contrariamente a de Guthrie (op. cit.) e à semelhança de Katupha (1988), considera-se o Elomwe como variante da língua Makhuwa. E o Echuwabo continua a ser visto como língua autónoma como é considerado na classificação de Guthrie (ibidem), contrapondo-se assim à classificação de Katupha (1988) que o considera variante da língua Makhuwa.

De acordo com Firmino (2000), o Emakhuwa é falado como língua materna por 26.0% de moçambicanos e o Elomwe por 8.0%.

Neste sentido, tendo em conta a classificação apresentada em Siteo & Ngunga (2000), Afido (1997a) e Victorino (1995), podemos considerar que um total de 34% de moçambicanos é falante da língua Makhuwa como língua materna.

Além de ser falada em Moçambique, a língua Makhuwa é falada também no sul de Tanzania, numa parte do sul de Malawi e num enclave do noroeste de Madagáscar.

## 1.2 Objectivos e contribuição de estudo

Conscientes de que tanto a categoria de tempo como a de aspecto podem ser marcadas morfologicamente<sup>5</sup>, o presente estudo tem por objectivos:

- (a) identificar os morfemas que marcam o passado remoto e as diversas formas do aspecto imperfectivo desse mesmo tempo na língua Makhuwa;
- (b) descrever as manifestações fonológicas dos morfemas em causa nas formas verbais afirmativas e negativas.

---

<sup>5</sup> Cf. Ngunga (2004: 166), Mutaka & Tamanji (2000) e Afido (1997a).



Portanto, o exame das duas categorias nas duas formas verbais em Emakhuwa, pretende analisar pormenorizadamente as categorias em questão, visto que, como acontece com a maioria das línguas bantu, o tempo e o aspecto ainda não foram estudados detalhadamente nesta língua.

E tomando em consideração que as formas verbais em Emakhuwa vão merecer grande destaque nesta análise, julga-se que esta pesquisa vai possibilitar ainda a compreensão sobre o funcionamento da gramática da língua, sobretudo ao examinar-se o tempo e o aspecto através da identificação e descrição dos seus marcadores e analisando a sua fonologia.

### 1.3 Organização do trabalho

Para responder aos objectivos traçados, o presente trabalho organiza-se da seguinte maneira:

O capítulo I, Introdução, além de apresentar o tema em estudo, a motivação e a classificação da língua e a localização espacial dos seus falantes, identifica ainda a importância de estudo, os objectivos, a contribuição e a organização desta pesquisa.

O capítulo II, Metodologia de Investigação, faz a descrição das estratégias seguidas para a obtenção e análise dos dados e a caracterização dos consultores linguísticos (informantes).

Dedicado à revisão da literatura, o capítulo III discute os conceitos de fonologia, morfologia, morfologia verbal, tempo verbal, aspecto verbal, bem como passa em revista alguns trabalhos dedicados ao estudo das línguas bantu no geral, e do Emakhuwa em particular.

O capítulo IV mostra como se comporta o *passado remoto imperfeito* em *Emakhuwa*, examinando, neste sentido, as marcas morfológicas do tempo *passado remoto* e do aspecto *imperfeito* desse mesmo tempo.

Finalmente, o capítulo V apresenta, a partir das observações constatadas no decurso desta investigação, as conclusões e as recomendações para futuros trabalhos.

A seguir, vamos apresentar a parte concernente à metodologia de investigação.

## CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Esta secção visa apresentar as estratégias seguidas na obtenção e análise dos dados, assim como na caracterização dos informantes que nos foram instrumentais na obtenção dos dados da língua em estudo.

Em termos metodológicos, para este trabalho dedicado especificamente à descrição das marcas morfológicas do passado remoto imperfectivo em Emakhuwa, na recolha de dados, usaram-se vários métodos, entre os quais se destacam:

- a) o da entrevista estruturada (anexo 1), que consistiu no registo em fita magnética e em papel dos dados da língua para uma posterior transcrição, para a constituição do corpus para posterior análise;
- b) o filológico, que consistiu na recolha de material escrito disponível em algumas instituições, tais como NELIMO, INDE, Associação PROGRESSO, entre outras;
- c) e o de introspecção, que consistiu no arranjo e na adaptação dos dados recolhidos pelo autor deste trabalho, pois que ele é falante fluente da língua.

O corpus analisado no presente estudo foi constituído de oito verbos, entre transitivos e intransitivos, com diferentes estruturas internas: *-C-*: *-ly-* ‘comer’ e *-rw-* ‘vir’; *-VC-*: *-on-* ‘ver’ e *-ett-* ‘andar’; *-CVC-*: *-tek-* ‘construir’ e *-veny-* ‘sair’; e *-CVCVC-*: *-khorom-* ‘ajoelhar-se’ e *-nyakal-* ‘pisar’.

A escolha de verbos com estruturas internas diferentes deve-se ao facto de, nas línguas bantu, a estrutura do radical afectar o processo de introdução de outros materiais morfológicos<sup>6</sup>.

Todos os verbos seleccionados foram conjugados no passado remoto, na primeira pessoa gramatical quer na forma afirmativa quer na forma negativa.

A recolha dos dados baseou-se em três falantes nativos de Emakhuwa residentes em Maputo, com idade compreendida entre 22 e 35 anos, bem como no próprio autor.

Para a entrevista, o factor sexo não se considerou como relevante, pois, segundo Afido (1997a: 29), “o discurso de um falante nativo adulto com competência linguística apropriada pode servir de base de análise independentemente do sexo”.

Assim, tendo em conta os objectivos definidos para esta pesquisa e o conhecimento básico do comportamento das línguas, colocaram-se algumas questões orientadoras:

1. *Se o tempo e o aspecto são categorias estreitamente relacionadas e presentes nas línguas humanas, como é que o passado remoto e o aspecto imperfectivo desse mesmo tempo são marcados nas formas verbais afirmativa e negativa em Emakhuwa?*
2. *Se na língua em estudo existem marcadores diferentes para o tempo passado remoto e para o aspecto imperfectivo desse mesmo tempo, quais são e como se manifestam?*

É em redor destas questões que o nosso estudo se vai desenvolver.

A seguir, vamos apresentar os pressupostos teóricos básicos da nossa investigação.

---

<sup>6</sup> Cf. Siteo (1986:324) e Ngunga (2004: 177).

## CAPÍTULO III – REVISÃO DA LITERATURA

### 1.0 Introdução

Este capítulo visa apresentar os pressupostos teóricos básicos que orientaram a nossa investigação.

Através de exemplos, e usando os traços distintivos propostos no SPE (The Sound Pattern of English) de Chomsky & Halle (1968), este capítulo demonstra como é que certos processos fonológicos são realizados nesta língua, ao mesmo tempo que apresenta a descrição de como é que alguns elementos gramaticais são estruturados e funcionam.

Assim, tendo em vista os pressupostos que definem o tema e os objectivos traçados, identificam-se os conceitos de fonologia, morfologia, verbo, tempo e aspecto, como alguns de entre vários conceitos operatórios que merecem um destaque nesta pesquisa.

### 1.1 Fonologia

Segundo Ngunga (2004), a fonologia é o estudo dos sons da fala tendo em conta a sua função na comunicação, bem como as regras da sua combinação numa determinada língua. Nessa óptica, Katamba (1989: 60) define a fonologia como sendo “o ramo da Linguística que investiga os meios pelos quais os sons da fala são usados sistematicamente para formar palavras e enunciados”. E acrescenta que, para se entender a fonologia, é importante que se tenha a noção dos conceitos básicos da fonética que também é o estudo dos sons da fala, mas, desta feita, apenas como fenómenos físicos “sem se preocupar com a sua função na comunicação” (Ngunga, 2002: 25).

Ngunga (op. cit.), por sua vez, define a fonologia como sendo “o estudo dos sons da fala preocupando-se sobretudo com o seu papel na transmissão de mensagens entre os membros da comunidade linguística”.

Na mesma linha de pensamento, Hyman (1975: 2) define a fonologia como sendo “o estudo de como os sons da fala se estruturam e funcionam nas línguas”.

Os pontos de vista dos vários autores sobre a fonologia convergem na medida em que todos eles admitem que a fonologia estuda os sons da fala, não só como fenómenos físicos, mas também como eles funcionam no processo de transmissão de mensagens e como é que se estruturam para formar sistemas no processo de comunicação entre os membros de uma comunidade linguística.

Neste sentido, a unidade básica do estudo da fonologia é o fonema que se define, segundo Hyman (1975: 59), como sendo “a unidade mínima de som capaz de distinguir palavras de diferentes significados”. Portanto, trata-se de som significativamente distintivo numa determinada língua. E a unidade básica do estudo da fonética é o fone que se pode definir como “a realização concreta de um fonema”.

Um fonema pode ter diversas realizações que podem, muitas vezes, ser determinadas pelas características dos sons vizinhos. E a passagem de características ou traços de um som para outro depende da aplicação de regras fonológicas da língua. Algumas das regras fonológicas que destacamos neste estudo, tais como a semivocalização, fusão, assimilação e a elisão vão facilitar a compreensão da variação das marcas do passado remoto imperfectivo em Emakhuwa.

a) **Semivocalização** entende-se como sendo um processo de formação de *glides* a partir do encontro da vogal não baixa com uma diferente (Ngunga, 1987). Em Emakhuwa é frequente a semivocalização resultante do encontro da vogal alta com a vogal baixa ou com a vogal média não arredondada:

(1) a. mu-ana > mwaana	'criança'	cf. mu-lopwana	'homem'	(cl. 1)
b. mu-alo > mwaalo	'faca'	cf. mu-thala	'bambú'	(cl. 3)
c. mu-etto > mweetto	'perna'	cf. mu-thala	'bambú'	(cl. 3)
d. mu-eri > mweeri	'lua'	cf. mu-thala	'bambú'	(cl. 3)
e. mi-alo > myaalo	'facas'	cf. mi-thala	'bambús'	(cl. 4)
f. mi-ako > myaako	'montanhas'	cf. mi-thala	'bambú'	(cl. 4)

Como se pode observar, em (1a, b, c, d) há variação de /u/ para [w] e em (1e, f) a variação de /i/ para [y], podendo serem formalmente representadas da seguinte maneira:

(2). [+sil; +alt] → [-cons; -sil] / — [+sil; -alt; -arred]

b) **Fusão** é um processo que consiste na produção de uma vogal conseqüente do encontro de duas vogais de qualidades diferentes que resultam em uma terceira de qualidade também diferente, geralmente longa. Na língua Makhuwa, a fusão é frequente quando a vogal baixa do morfema da classe 6 antecede as vogais altas em posição inicial dos temas nominais, resultando, conseqüentemente, na produção de vogais médias:

- (3) a. ma-itho > meetho      ‘olhos’      cf. ma-tata      ‘mãos’      (cl. 6)  
 b. ma-ino > meeno      ‘dentes’      cf. mapele      ‘seios’      (cl. 6)  
 c. ma-iko > meeku      ‘nuvens’      cf. ma-tata      ‘mãos’      (cl. 6)

Como se pode notar, em (3a, b, c) há fusão entre [a] e [i] resultando na produção de [ee], que se pode formalizar da seguinte maneira:

- (4). [+sil; +bx] + [+sil; +alt] → [+sil; -bx; -alt]

c) Assimilação é um processo que consiste em um som adquirir os traços do som próximo:

- (5) a. enupa > empa      ‘casa’  
 b. mupwana > mpwana      ‘amigo’      (cl. 1)  
 c. mumanka > mmanka      ‘mangueira’      (cl. 3)  
 d. nitata > ntata      ‘mão’      (cl. 5)  
 e. nilumi > nlumi      ‘língua’      (cl. 5)

Em (5a, b, c, d, e), quando há queda da vogal alta, geralmente, de acordo com Ngunga (2004), a vogal dos prefixos das classes 1, 3 e 5, a nasal (do prefixo) assimila o ponto de articulação da consoante seguinte. Assim, a nasal bilabial precede as consoantes bilabiais (5a, b, c), e a nasal alveolar precede as consoantes também alveolares (5d, e), o que se pode formalizar da seguinte forma:



(6). [+cons; +nas] → [α lugar] / — [+cons; α lugar]

d) Elisão é um processo que consiste na eliminação de um segmento em determinados contextos. Como vimos em (5b, c, d, e), em Emakhuwa é frequente observar-se a queda da vogal alta do prefixo nominal. É também comum se observar a eliminação das vogais altas e da vogal baixa dos prefixos de classe quando são seguidas de vogais idênticas e/ou de vogais médias:

(7) a. mu-uku > muuku	'verme'	cf. mu-thala	'bambú' (cl. 3)
b. ni-iku > niiku	'nuvem'	cf. ni-tata	'mão' (cl. 5)
c. ma-akha > maakha	'sais'	cf. ma-tata	'mãos' (cl. 6)
d. mu-ono > mwoono > moonoo	'braço'	cf. mu-thala	'bambú' (cl. 3)
e. ni-oce > nyooce > nooce	'ovo'	cf. ni-tata	'mão' (cl. 5)
f. ma-oce > mooce	'ovos'	cf. ma-tata	'mãos' (cl. 6)

Em (7a, b, c), as vogais [u], [i] e [a] dos prefixos das classes 3, 5 e 6, respectivamente, são eliminadas quando antecedem vogais idênticas, respectivamente, [u], [i] e [a] em posição inicial dos temas nominais. As mesmas vogais dos prefixos das classes acima destacadas também se apagam quando precedem as vogais médias que se encontram ainda em posição inicial dos temas nominais, como se observa em (7d, e, f). Neste sentido, as vogais elididas fazem-se compensar através do alongamento da vogal seguinte. Este processo de elisão interpreta-se da seguinte maneira:

(8). [+sil;  $\alpha$  alt]  $\rightarrow$   $\emptyset$  / — [+sil;  $\alpha$  alt]

Assim, em conclusão, podemos afirmar que o encontro de duas vogais, segundo Liphola (2001), elimina a sequência através de certos processos fonológicos. Estes processos podem ser labialização, palatalização, fusão, semivocalização, elisão, inserção (Ngunga 2002, Odden 1996). “Às vezes, nem a semi-vocalização nem a fusão são possíveis quando duas vogais estão em sequência por imperativos morfológicos ou por imperativos sintáticos” (Ngunga, 2002: 27).

Na linha desta análise, podemos afirmar que não é somente a sequência de vogais que provoca a elisão, como veremos ao descrevermos as marcas do passado remoto e do aspecto imperfectivo desse mesmo tempo, outras sequências de sons podem ainda ser eliminadas por imperativos morfológicos ou sintáticos.

Entretanto, tendo em conta os dados (1a) - (1f) e através da regra (2), na língua Makhuwa, em termos fonológicos, os sons [u] e [w] podem ser considerados alofones do fonema /u/ como ilustram (1a, b, c, d), do mesmo modo que se podem considerar os sons [i] e [y] em relação ao fonema /i/ através de (1e, f), e os sons [n] e [m] em relação a um arquifonema /N/ a partir da regra (6), embora esses mesmos sons sejam, em outros contextos, fonemas desta língua em estudo.

Estas situações provam essencialmente que um fonema pode ter diversas realizações que, muitas vezes, são determinadas pelas características dos sons vizinhos. E a passagem de características ou traços de um som para outro depende da aplicação de regras fonológicas da língua.

## 1.2 Morfologia

De acordo com Ngunga (2004: 99), “a morfologia pode ser definida como o estudo dos morfemas, das regras que regem a sua combinação na formação da palavra, e da sua função no sintagma e na frase”. Ngunga (op. cit.), define o morfema como sendo “a menor unidade da língua portadora de sentido (lexical ou gramatical), na hierarquia da palavra”.

Bauer (1988: 3), por sua vez, define a morfologia como “o estudo das palavras e sua estrutura”. E define o morfema como “a unidade gramatical menor ou a unidade menor da língua com significado” (Bauer, 1988: 247).

Gleason (1961: 11), por seu turno, define o morfema como “a unidade do plano da expressão da linguagem que entra em relação com o nível do conteúdo”. E acrescenta ainda que o morfema tem significado.

Entretanto, segundo Ngunga (2004), os morfemas podem ser livres ou presos. Os morfemas presos são aqueles que se afixam aos núcleos, aqueles que não podem ocorrer senão na condição de estarem ligados a outro(s); e os livres são aqueles aos quais são afixados os chamados presos. Salienta-se ainda que “a liberdade dos morfemas que constituem núcleos das palavras é sempre relativa, uma vez que apesar [de] haver morfemas que são palavras, há outros que não o são” (Ngunga, 2004: 100).

Ngunga (op. cit) refere ainda que os morfemas livres são considerados normalmente como sendo lexicais por neles residir a informação lexical da palavra, e os presos são considerados gramaticais porque se usam para marcar informações gramaticais tais como: tempo, número, aspecto, sujeito, classe, etc.

(9) a. mu-lopwana            ‘homem’

- |                   |                   |
|-------------------|-------------------|
| b. a-lopwana      | 'homens'          |
| c. o-ly-a         | 'comer'           |
| d. k(i)-a-ni-ly-a | 'costumava comer' |

Nos exemplos acima, as informações lexicais de 'homem' em (9a, b) e de 'comer' em (9c, d) estão contidas, respectivamente, nos morfemas '-lopwana' e '-ly-'. Os restantes morfemas, designados também afixos, contêm a informação gramatical, por exemplo, em (9d): de pessoa e de número (-ki-, 1ª pessoa do singular), tempo (-a-, passado remoto), aspecto (-ni-, habitual), etc.

Portanto, os morfemas podem ser radicais ou afixos dependendo do tipo de informação que transportam e a função que desempenham na formação das palavras.

Neste sentido, o radical é a parte da palavra portadora de significado lexical. E, segundo Bauer (1988: 253), "é uma base à qual os afixos podem ser adicionados". Os afixos que, no entanto, podem ser prefixos, infixos e sufixos, às vezes circunfixos, interfixes e transfixos, são definidos como "morfemas obrigatoriamente fronteiras que não se realizam como um lexema" (Bauer, 1988: 237), este definido como "uma unidade abstracta do vocabulário" (Bauer, 1988: 246).

### 1.2.1 Morfologia verbal

Como vimos em (9a, b, c, d), tanto os nomes como os verbos são constituídos por morfemas.

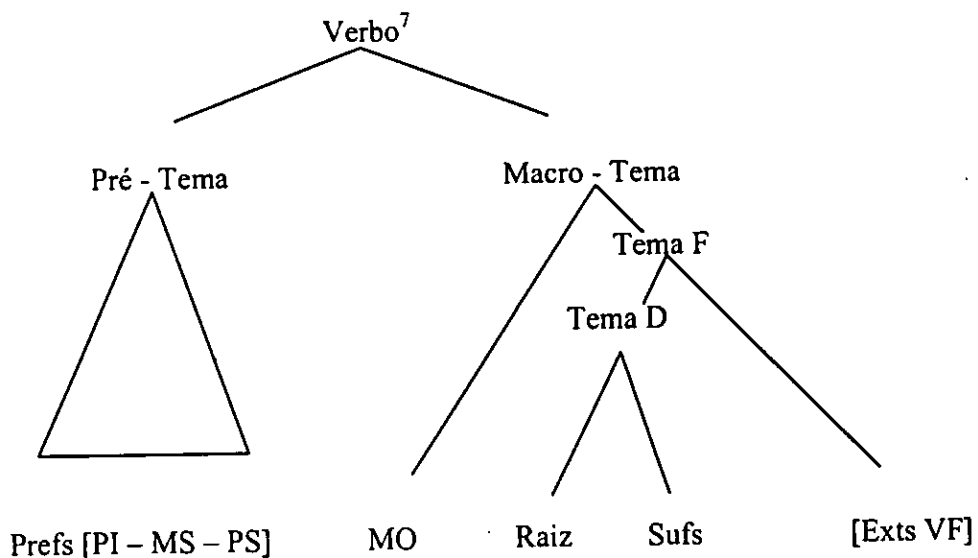
Um dos aspectos que caracteriza as línguas bantu, o grupo de línguas do qual faz parte o Emakhuwa, é o facto de elas serem aglutinantes. Aliás, segundo Dacala (1994), as

línguas bantu pertencem ao grupo das línguas aglutinantes dentro das quais a palavra é geralmente formada por afixação de morfemas presos a outros (radicais) que constituem os núcleos das palavras.

Nas línguas bantu, tal como acontece com o nome, o verbo é uma das palavras que evidenciam o seu carácter aglutinante.

Ngunga (2004: 147) refere que “em muitas línguas, o verbo conjugado traz consigo as marcas do sujeito sobre o qual se faz a afirmação, o tempo em que o fenómeno tem lugar, o número dos sujeitos sobre os quais se faz a afirmação ou envolvidos na acção, etc”. Este facto faz com que a estrutura do verbo seja particularmente complexa.

Ngunga (2004), citando Ngunga (2000: 87), representa esta complexidade da seguinte estrutura:



Esquema 1: *Estrutura do verbo nas línguas bantu*

<sup>7</sup> Cf. Ngunga (2004: 148).

Onde: Tema F: Tema flexionado; Tema D: Tema derivado; PI: pré-inicial; MS: Marca de Sujeito; PS: pós-Sujeito; MO: Marca de Objecto; Exts: Extensões (verbais); VF: Vogal final, também chamada Vogal terminal (VT).

O PI e PS incluem as marcas de tempo, aspecto, modo, negação. Tendo em conta o esquema acima, podemos afirmar que, de um modo geral, o verbo é constituído pelos seguintes elementos: Raiz e afixos.

Bauer (1988: 253) define raiz como sendo "a parte da palavra que se mantém inalterada quando todos os afixos flexionais e derivacionais forem retirados":

(10). n-k(i)-a-ly-a                    'eu não costumava comer'

Em (10), se retirarmos todos os afixos (o prefixo da marca de negação, *n-*; da marca da 1ª pessoa do singular, *-ki-*; da marca do passado remoto, *-a-*; e o sufixo da vogal final, *-a*), ficamos com a raiz *-ly-*.

No entanto, outras noções gramaticais relacionadas com a raiz verbal temos:

Base – que inclui a raiz e a vogal final;

Radical – que inclui a raiz e os sufixos derivacionais e não os flexionais;

Tema – que inclui a raiz, os sufixos flexionais, assim como os sufixos derivacionais;

Extensões - que são sufixos derivacionais que se podem agregar à raiz ou ao radical para formar novas categorias de palavras.

Vogal final - que é o sufixo base de terminação dos verbos, sobretudo no infinitivo.

A seguir vamos falar do tempo verbal.

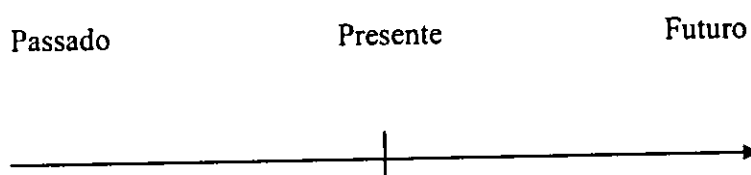
### 1.2.2 Tempo verbal

Comrie (1976: 1-2) refere que “tempo verbal relaciona o tempo da situação referida com outro tempo, geralmente com o momento de enunciação”. E acrescenta que os tempos comuns encontrados em muitas línguas, embora nem todas distingam esses tempos, são o presente, o passado e o futuro, em que a situação descrita no presente é temporalmente simultânea ao momento de enunciação (*O João está a cantar*); uma descrita no passado, como anterior ao momento de elocução (*O João cantou; O João estava a cantar*); uma descrita no futuro, como subsequente ao momento de enunciação (*O João cantará; O João estará a cantar*). Uma vez que o tempo verbal localiza o tempo da situação descrita em relação ao momento de elocução, Comrie (1976) refere que podemos descrever o tempo como uma categoria deíctica.

Mateus et al (1989), por sua vez, referem que a categoria linguística de tempo exprime a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma. Acrescentam ainda que, em português, os tempos naturais são o presente, o passado e o futuro. E à semelhança das noções fornecidas por Comrie (op.cit.), referem também que o presente, o passado e o futuro exprimem, respectivamente, a simultaneidade, a anterioridade e a posterioridade do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito relativamente ao intervalo de tempo em que ocorre a enunciação.

Na mesma análise, Ngunga (2004: 159) define o tempo como sendo “um fenómeno que reflecte a cultura de um povo”. E refere ainda que, antes de ser um fenómeno real, o tempo pode ser considerado como uma categoria filosófica, daí que as marcas do tempo nas formas verbais constituam tentativas de representação nas línguas do mundo dessa categoria

filosófica com que os homens coexistem ao longo da vida. Essas marcas variam de língua para língua porque os falantes das diferentes línguas transportam consigo marcas culturais variáveis de acordo com a sua maneira de ser e de estar no mundo. Ngunga (op. cit.) admite ainda a existência, no geral das línguas, de três tempos cuja relação se pode representar esquematicamente como se segue:



Esquema 2: *Representação do tempo verbal na maioria das línguas do mundo*

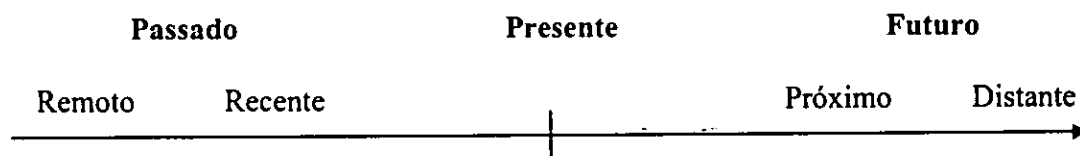
“Este esquema reflecte o censo comum de representação mental do tempo que tem como referência básica o momento da fala (presente). Tudo o que refere ao momento anterior ao tempo da fala é passado, e tudo o que refere ao momento posterior ao tempo da fala é futuro” (Ngunga, 2004: 160).

Embora a existência de três tempos seja comum em muitas línguas do mundo, há ainda outras línguas, como Emakhuwa, que subdividem esses tempos, especificamente o passado e o futuro, em outros tempos.

Por outras palavras, segundo Ngunga (2004), enquanto para algumas línguas o passado e o futuro são tempos básicos e podem ser entendidos como unidades integrais, para outras, como o Emakhuwa, eles são apenas pontos de referência que servem para distinguir a sequência de acontecimentos ou factos em relação a outros que tenham tido lugar antes ou que hão-de ter lugar depois, havendo espaço para no interior de cada tempo os factos

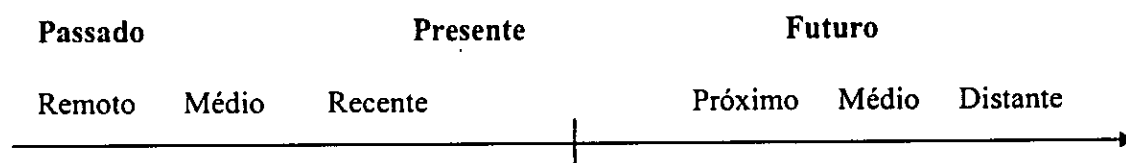


poderem suceder-se uns aos outros, devendo, neste sentido, ser repartidos numa relação simétrica como:



Esquema 3: *Representação do tempo verbal em Emakhuwa*

Ainda Ngunga (2004) refere que às vezes esta subdivisão pode ser feita em partes ainda menores, como acontece com a língua Nyanja:



Esquema 4: *Representação do tempo verbal na língua Nyanja*

“Diferente do passado e do futuro, que parecem tempos firmes porque se baseiam no espaço finito, o presente é basicamente aspectual. Isto é, quase infalivelmente este tempo facilmente se deixa confundir com aspecto habitual” (Ngunga, 2004: 163). Portanto, embora não exista uma subdivisão do presente em diferentes formas do presente, nota-se que este tempo é caracterizado por descrever fenómenos gerais, que aconteceram ou são feitos acontecer como hábito, ou susceptíveis de acontecer a qualquer momento dada a experiências do passado (Ngunga, 2004).

### 1.2.3 Aspecto verbal

Ligado ao verbo e relacionado com o tempo encontramos o aspecto que, segundo Mateus et al (1989: 90), “é a categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural, (i) por selecção de um predicador pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo de tempo em que o estado de coisas descrito está localizado, e / ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou intervalos adjacentes”.

Na definição apresentada, infere-se que “o valor aspectual de um dado enunciado advém, por um lado, de (i) e, por outro, de (ii) e / ou (iii). Chamaremos a (i) classe aspectual do predicador e a (ii) e (iii) forma aspectual. Assim, o valor aspectual de um dado enunciado é função da classe a que pertence o predicador que nele ocorre e da forma aspectual deste” (Mateus et al, 1989: 90-91).

Ngunga (2004: 165-6) refere que “aspecto indica a maneira como os factos referidos pelo verbo acontecem num determinado tempo, sejam quais forem as divisões de tempo que a língua tiver. Porque o aspecto caracteriza a forma como os acontecimentos se dão no interior de uma unidade de tempo em termos de perfectivo (pontualidade) *versus* imperfectivo (continuidade, duração, iterabilidade, etc.), ele tem uma relação muito especial com o tempo”. E acrescenta que “o aspecto pode ser realizado através de um morfema “material” ou através do morfema zero. Geralmente o zero indica o aspecto perfectivo e o(s) outro(s) indica(m) o aspecto imperfectivo”.

Comrie (1973), por seu turno, diz que o aspecto é quase diferente do tempo, pois a diferença entre *Ele leu* e *Ele lia* não é do tempo, ambas situações localizam-se no passado

absoluto<sup>8</sup>. É a categoria de aspecto que as distingue, através da oposição entre aspecto perfectivo e imperfectivo que a terminologia de algumas línguas, como o português, tem referido tradicionalmente como tempos. No geral, o aspecto pode ser definido como as diferentes formas de ver a constituição interna temporal de uma situação. Por exemplo, em (a) *O João estava a ler* (b) *quando eu entrei*, a primeira frase apresenta o contexto de muitos eventos, enquanto a segunda frase introduz, por si mesmo, o seu evento.

Uma das formas de explicar a diferença entre o significado do aspecto perfectivo e do aspecto imperfectivo é que, de acordo com Comrie (1976), o primeiro olha para a situação como um todo, sem necessariamente fazer a distinção da sua estrutura interna, enquanto o segundo olha para a situação interna, desde a observação do início até ao final da situação, como também se a situação dura todo o tempo, sem começo nem fim.

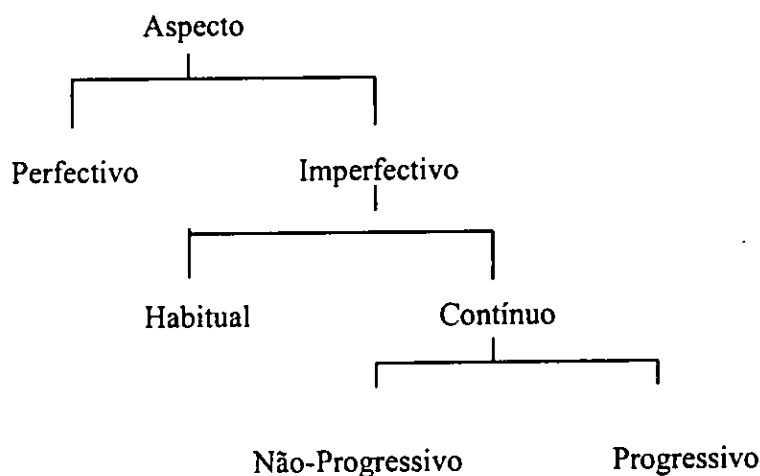
Entretanto, Comrie (1976) adverte ainda que o aspecto perfectivo não deve ser confundido como uma descrição de uma situação limitada, em oposição à não limitada, duradoura; nem como um curto período de tempo que representa uma situação momentânea ou pontual, muito menos como uma forma que caracteriza uma acção completa, pois há línguas que fornecem dados que contradizem essas noções.

Assim, de acordo com Comrie (1976), enquanto o aspecto perfectivo pode ser usado para referir uma acção pura e simples, sem implicações adicionais, as formas imperfectivas devem ser usadas para referir situações com estruturas internas.

Tendo em conta o comportamento de várias línguas, pode-se apresentar a seguinte classificação de oposição aspectual (Comrie, 1976: 25):

---

<sup>8</sup> O termo "absoluto" tem sido usado para se referir os tempos verbais que tomam o presente momento como o seu centro deíctico (cf. Comrie, 1985: 36).



Esquema 5: *Representação da oposição aspectual*

Nas gramáticas tradicionais de muitas línguas com uma cobertura integral do imperfectivo, em geral, dá-se a distinção entre o habitual e o contínuo (Comrie, 1976: 26). De acordo com este autor, o habitual não é essencialmente uma iteratividade, isto é, a repetição de uma situação, a ocorrência sucessiva de algumas eminências numa dada situação, pois, por um lado, a mera repetição de uma situação não é suficiente para tal situação ser considerada especificamente forma habitual (ou então, uma forma imperfeita); Se uma situação se repetir num limitado número de tempos, todas as suas eminências serão vistas como situações singulares e consideradas perfeitas, embora essas mesmas tenham suas estruturas internas. Exemplo, se um assistente universitário levantar-se, tossir cinco vezes e depois disser alguma coisa, em Inglês, essas eminências podem ser descritas da seguinte forma: *The lecturer stood up, coughed five times, and said...*; por outro lado, uma situação pode remeter-se à forma habitual sem ter sido iterativa em todas. Exemplo: *o Templo da Diana costumava estar nos Efésios*. Este enunciado não implica necessariamente que tenham

existido várias ocasiões, com intervenção de períodos que isso não o fosse, em que o templo terá estado nos Efésios.

Tendo em conta as asserções anteriores, nota-se que o que há de comum em todas as formas habituais, sejam as não repetidas como as repetidas, é a descrição de uma situação que é caracterizada por um estendido período de tempo, portanto, entendendo-se 'estendido' no facto de a situação ser vista não como uma propriedade incidental ou momentânea, mas, justamente, como um traço característico de um período integral (Comrie, 1976).

Entretanto, em muitas línguas, como Inglês, a distinção entre o significado do progressivo e não-progressivo é obrigatória, enquanto em outras, como Emakhuwa, o uso específico da forma do progressivo é opcional, pois o não-progressivo não exclui o significado da forma progressiva.

Portanto, a distinção entre o aspecto habitual, aspecto progressivo e o aspecto não-progressivo, pode ser observada nos seguintes exemplos do português brasileiro: *Todas as tardes, quando ele chegava* (habitual) *em casa, as crianças estavam brincando* (progressivo) *na rua* (Comrie, 1976: 34) vs *O João escrevia poemas* (não-progressivo).

"Nas línguas onde há distinção entre os imperfectivos progressivo e não-progressivo percebe-se que, enquanto o não-progressivo se refere a maior ou menor estado permanente de coisas (assuntos), o progressivo refere-se a um maior estado transitório" (Comrie, 1976: 37).

Portanto, a partir destas noções podemos perceber que a diferença entre o tempo e o aspecto verbais é que, enquanto o primeiro localiza a ocorrência de uma situação relativamente ao momento de elocução, o segundo indica as diferentes formas de se conceber a constituição temporal interna dessa situação.

A seguir vamos apresentar o estudo do passado remoto imperfectivo em Emakhuwa.

## CAPÍTULO IV – A MORFOFONOLOGIA DAS MARCAS DO PASSADO REMOTO IMPERFECTIVO

### 1.0 Introdução

Este capítulo visa identificar e descrever as marcas do passado remoto imperfectivo na língua Makhuwa.

Mas antes de procedermos a respectiva análise, vamos ilustrar alguns dos aspectos pertinentes referenciados anteriormente sobre a língua em estudo.

### 1.1 O tempo verbal em Emakhuwa

O Emakhuwa é uma das línguas bantu que subdivide os tempos absolutos, especificamente o passado e o futuro, em outros tempos.

Por outras palavras, segundo Ngunga (2004), enquanto para algumas línguas o passado e o futuro são tempos básicos e podem ser entendidos como unidades integrais, para o Emakhuwa, eles são apenas pontos de referência que servem para distinguir a sequência de acontecimentos ou factos em relação a outros que tenham tido lugar antes ou que não-de ter lugar depois, havendo espaço para no interior de cada um dos tempos absolutos, sobretudo no passado e no futuro, os factos poderem suceder-se uns aos outros:

(11). Verbo: *o-nyikal-a* 'pisar'

Passado:

i) Remoto:

a. Miyo k-a-hi-nyikal-a mwiwa. 'Eu tinha pisado espinho'

Hiyo n-a-hi-nyikal-a mwiwa.	'Nós tínhamos pisado espinho'
<b>ii) Recente:</b>	
b. Miyo k-o-nyikal-a mwiwa.	'Pisei espinho'
Hiyo n-o-nyikal-a mwiwa.	'Nós pisamos espinho'
<b>Presente:</b>	
c. Miyo ki-n-nyikal-a mwiwa.	'Estou a pisar espinho'
Hiyo ni-n-nyikal-a mwiwa.	'Estamos a pisar espinho'
<b>Futuro:</b>	
<b>i) Próximo:</b>	
d. Miyo ki-no-nyikal-a mwiwa.	'Eu pisarei espinho'
Hiyo ni-no-nyikal-a mwiwa.	'Nós pisaremos espinho'
<b>ii) Distante:</b>	
e. Miyo ki-nko-nyikal-a mwiwa.	'Hei-de pisar espinho'
Hiyo ni-nko-nyikal-a mwiwa.	'Havemos de pisar espinho'

O verbo não flexionado em Emakhuwa, como se pode observar em (11), possui um prefixo do infinitivo, um radical e um sufixo terminal. E diferentemente da maioria das línguas bantu que têm o prefixo do infinitivo ku-, o Emakhuwa tem o prefixo do infinitivo o morfema o-. E à semelhança de quase todas as línguas bantu, a língua Makhuwa tem a vogal final o morfema -a, excepto os empréstimos como o-shateyar-i, do português: 'chatear', entre outros provenientes de outras línguas, que têm a vogal final o morfema -i ou -u.

As frases (11a) – (11e) revelam as diferentes localizações na escala temporal de uma acção praticada pela primeira pessoa gramatical. Assim, entre (11a) e (11b), embora sejam frases que descrevam eventos situados no passado, há uma diferença marcada através da sua sucessão temporal. Veja-se que, enquanto (11a) descreve eventos ocorridos há muito tempo que pode ser determinado por semanas, meses, anos, entre outras unidades mais extensas do tempo, (11b) descreve situações que ocorreram há pouco tempo, este que usualmente é determinado por dias, horas, ou mesmo minutos. A mesma sequência destaca-se na relação entre as acções descritas em (11d) e (11e) em que, embora todas se realizem no futuro, as primeiras prevêem acções que ocorrerão dentro de minutos, horas ou mesmo poucos dias, enquanto as últimas prevêem acções que vão ocorrer depois de um tempo considerável, que pode ser determinado por dias, meses, anos entre outras unidades temporais extensas.

As várias divisões temporais em Emakhuwa são realizadas linguisticamente através de diferentes morfemas. Assim, a partir dos exemplos anteriores, podemos afirmar que o tempo verbal em Emakhuwa, na sua forma afirmativa, é marcado por morfemas como -a- no passado remoto; -o- no passado recente; -n- no presente; -no- no futuro próximo e -nko- no futuro distante, que precedem imediatamente ou não à base verbal.

Kroger (2003) considera, sem fazer a distinção entre o tempo e o aspecto nem entre as partes que integram os tempos, sobretudo, o passado e o futuro, que entre os vários prefixos temporais se encontra no pretérito simples o morfema *o-*, no presente o morfema *nni-* e no futuro simples o morfema *no-*.

Os prefixos -k(i)- e -n(i)- ligados à base verbal nas frases (11a) – (11e) representam as marcas de concordância do sujeito (MS), a primeira pessoa do singular e do plural, respectivamente.



## 1.2 Passado remoto

Como nos referimos anteriormente, o passado remoto é marcado por um prefixo *-a-*, como se vê nos seguintes exemplos:

- |                                 |                                 |
|---------------------------------|---------------------------------|
| (12) a. Miyo k-a-hi-ly-a enika. | 'Eu tinha comido banana'        |
| Hiyo n-a-hi-ly-a enika.         | 'Nós tínhamos comido banana'    |
| b. Miyo k-a-ni-ly-a enika.      | 'Eu costumava comer banana'     |
| Hiyo n-a-ni-ly-a enika.         | 'Nós costumávamos comer banana' |

As frases (12a) e (12b) têm uma característica em comum, pois elas descrevem acções do passado remoto que é marcado através do prefixo *-a-*, este que é antecedido pela MS (*-k-* e *-n-*) e seguido pelas marcas do aspecto perfectivo *-hi-* e do aspecto imperfectivo habitual *-ni-*.

Como se pode perceber, o que distingue entre (12a) e (12b) é o aspecto que se evidencia através da oposição entre o aspecto perfectivo e imperfectivo. Assim, em (12a) descrevem-se situações do aspecto perfectivo, e em (12b) descrevem-se situações do aspecto imperfectivo (habitual), o que permite afirmar que, em Emakhuwa, o aspecto perfectivo no passado remoto é marcado pelo prefixo *-hi-* que se pode ligar imediatamente ou não à raiz verbal e é precedido imediatamente pela marca do tempo *-a-*.

Portanto, sendo sobre o passado remoto imperfectivo que o nosso estudo se interessa, a seguir vamos apresentar as diversas formas deste tempo/aspecto que, de acordo com Comrie (1976: 25), se subdivide em dois grupos, o imperfectivo habitual e o imperfectivo

contínuo. Como teremos ocasião de mostrar, o imperfeito contínuo subdivide-se, por sua vez, em outros, o progressivo e o não-progressivo.

### 1.3 Passado remoto imperfeito

Na descrição que se segue, vamo-nos orientar através da classificação apresentada em Comrie (1976), privilegiando as duas formas verbais de frases: afirmativa e negativa.

De acordo com Comrie (op. cit.), o aspecto imperfeito subdivide-se em três tipos a considerar: imperfeito habitual, imperfeito progressivo e imperfeito não-progressivo. Nesta secção, as frases ilustrativas serão organizadas em grupos de uma mesma forma aspectual. E dentro de alguns desses grupos, as frases serão também subdivididas em subgrupos de frases afirmativas e de frases negativas.

#### i. Aspecto imperfeito habitual

##### a) Forma afirmativa:

- |                                |                                   |
|--------------------------------|-----------------------------------|
| (13) a. Miyo k-a-n(i)-ett-a.   | 'Eu costumava andar'              |
| b. Miyo k-a-n(i)-on-a nikhule. | 'Eu costumava ver rato'           |
| c. Miyo k-a-ni-khorom-a.       | 'Eu costumava ajoelhar-me'        |
| d. Miyo k-a-ni-tek-a empa      | 'Eu costumava construir casa'     |
| e. Hiyo n-a-n(i)-ett-a.        | 'Nós costumávamos andar'          |
| f. Hiyo n-a-n(i)-on-a nikhule. | 'Nós costumávamos ver rato'       |
| g. Hiyo n-a-ni-khorom-a.       | 'Nós costumávamos ajoelhar-nos'   |
| h. Hiyo n-a-ni-tek-a empa.     | 'Nós costumávamos construir casa' |

**b) Forma negativa:**

- |                                 |                                       |
|---------------------------------|---------------------------------------|
| i. Miyo n-k-(a)-ett-a.          | 'Eu não costumava andar'              |
| j. Miyo n-k-(a)-on-a nikhule.   | 'Eu não costumava ver rato'           |
| k. Miyo n-k-a-khorom-a.         | 'Eu não costumava ajoelhar-me'        |
| l. Miyo n-k-a-tek-a empa.       | 'Eu não costumava construir casa'     |
| m. Hiyo kha-n-(a)-ett-a.        | 'Nós não costumávamos andar'          |
| n. Hiyo kha-n-(a)-on-a nikhule. | 'Nós não costumávamos ver rato'       |
| o. Hiyo kha-n-a-khorom-a.       | 'Nós não costumávamos ajoelhar-nos'   |
| p. Hiyo kha-n-a-tek-a empa.     | 'Nós não costumávamos construir casa' |

As frases (13a) – (13p) descrevem situações remotas tidas como habituais, em que as frases (13i) – (13p) correspondem respectivamente a negação das frases (13a) – (13h) na língua Makhuwa.

Se desintegramos as formas verbais das frases afirmativas acima, podemos encontrar os seguintes elementos: MS (k- e n-); MT (-a-); MA (-ni-); raiz (-ett-, -on-, -khorom- e -tek-); VT (-a).

Onde: MS = marca de concordância do sujeito; MT = marca de tempo; MA = marca de aspecto e VT = vogal terminal.

Neste sentido, a MS antecede a MT que, por sua vez, antecede a MA. E, por fim, a MA liga-se à raiz, que é seguida pela VT. Mas, nem sempre a MA antecede imediatamente à raiz, pois em situações como:

- (14) a. Miyo k-a-ni-m(u)-on-a (mwaana). 'Eu costumava vê-la (a criança)'

- b. Hiyo n-a-ni-m(u)-on-a (mwaana). 'Costumávamos vê-la (a criança)'  
 c. Miyo k-a-ni-mu-kush-a (mwaana). 'Eu costumava carregá-la (a criança)'  
 d. Hiyo n-a-ni-mu-kush-a (mwaana). 'Costumávamos carregá-la (a criança)'

a MA antecede a marca de objecto (MO), neste caso, **-mu-**. Note-se que a MO, quando presente, ocorre sempre imediatamente antes da raiz ou do radical verbal<sup>9</sup>.

Entretanto, em formas verbais onde a raiz tem as vogais médias em posição inicial, tal como *-ett-* em (13a) e (13e) e *-on-* em (13b) e (13f), verifica-se apagamento da vogal alta anterior da MA ao preceder imediatamente as vogais médias em posição inicial de cada raiz. No entanto, o apagamento da vogal da MA compensa-se com o alongamento das vogais médias que lhe seguem. O apagamento da MA pode ser representado da seguinte maneira:

(15). [+sil; +alt; +ant] → Ø / — [+sil; -alt; -bx]

O processo de elisão também ocorre quando a vogal alta posterior, como a da MO, antecede imediatamente às vogais médias recuadas em posição inicial das bases verbais, tal como se observa em (14a) e (14b), em que as formas verbais se produzem, respectivamente, *kaniimoona* 'eu costumava vê-la' e *naniimoona* 'costumávamos vê-la'. Este processo é descrito da seguinte forma:

(16). [+sil; +alt; +arred] → Ø / — [+sil; -alt; +arred]

<sup>9</sup> Cf. Ngunga (2004: 149).

E como o objecto do nosso estudo não é a MO, não apresentamos muitos exemplos nem muita profundidade sobre a manifestação fonológica deste afixo.

A vogal alta do morfema do aspecto imperfectivo habitual também é elidida quando antecede imediatamente as vogais altas e a vogal baixa em posição inicial das raízes verbais, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

- |                                    |                                    |
|------------------------------------|------------------------------------|
| (17) a. Miyo k-a-ni-itth-a mwaapu. | 'Eu costumava entornar panela'     |
| b. Hiyo n-a-ni-itth-a mwaapu.      | 'Costumávamos entornar panela'     |
| c. Miyo k-a-n(i)-unkom-a.          | 'Eu costumava sentar-me'           |
| d. Hiyo n-a-n(i)-unkom-a.          | 'Nós costumávamo-nos sentar'       |
| e. Miyo k-a-n(i)-al-a marapo.      | 'Eu costumava semear abóboras'     |
| f. Hiyo n-a-n(i)-al-a marapo.      | 'Nós costumávamos semear abóboras' |

Nas frases acima, observa-se que a marca do aspecto imperfectivo habitual é o morfema *-ni-*. A vogal alta anterior deste morfema quando antecede uma vogal em posição inicial da raiz sofre apagamento, recompensando-se também através do alongamento da vogal seguinte. Assim, as formas verbais das frases (17a) - (17f) realizam-se, respectivamente, *kaniittha* 'eu costumava entornar', *naniittha* 'costumávamos entornar', *kanuunkoma* 'eu costumava sentar-me', *nanuunkoma* 'costumávamo-nos sentar', *kanaala* 'eu costumava semear' e *nanaala* 'costumávamos semear'. O processo de apagamento da vogal

alta anterior ao preceder imediatamente uma vogal é descrito, de forma genérica, através da seguinte regra:

(18). [+sil; +alt; +ant] → Ø / — [+sil; -nas]

O fenómeno de elisão de segmentos também se verifica quando se produzem as formas verbais negativas do aspecto imperfectivo habitual do passado remoto. Neste sentido, entre as frases (13i) – (13p), que correspondem à forma negativa das frases (13a) – (13h), observa-se o prefixo *n-* ((13i) – (13l)), que representa a marca de negação na primeira pessoa do singular, tanto para esta forma aspectual como para o aspecto imperfectivo não-progressivo deste tempo verbal; e *kha-* ((13m) – (13p)), que representa a marca de negação na primeira pessoa do plural. Este último prefixo é também usado como marca de negação nas restantes pessoas gramaticais, quer para a forma imperfectiva habitual quer para a forma imperfectiva não-progressiva do passado remoto na língua em estudo.

Assim, a marca de negação (MN) antecede à MS. No entanto, quando se faz a negação da forma habitual neste tempo, verifica-se um apagamento do morfema da MA, como se pode observar nas frases (13i) - (13p). Assim, o aspecto habitual nas frases negativas do passado remoto em Emakhuwa tem o morfema zero, isto é, não é realizado “materialmente”.

No entanto, o apagamento do morfema da MN em frases negativas do aspecto imperfectivo faz com que a MT anteceda imediatamente à raiz. Como nos referimos anteriormente, a MT é o prefixo *-a-*. E quando esta antecede as raízes com vogais em

posição inicial, como em (13i), (13j), (13m) e (13n), à semelhança do que acontece com a vogal alta da MA, sofre apagamento, transcrevendo-se da seguinte maneira:

(19). [+sil; +bx] → Ø / — [+sil; -nas]

Conjugando as modificações da MT e da MA observadas nas formas imperfectivas do habitual no passado remoto em Emakhuwa, podemos concluir que, quer a vogal alta anterior quer a vogal baixa apagam-se quando antecedem imediatamente as vogais em posição inicial das raízes verbais, podendo ser formalizada da seguinte forma:

(20). [+sil; -arred] → Ø / — [+sil; -nas]

A seguir vamos analisar os dados do aspecto imperfectivo progressivo.

## ii. Aspecto imperfectivo progressivo

### a) Forma afirmativa:

- |                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| (21) a. Miyo k-(a)-ett-(a)-aka,...   | 'Enquanto eu estava a andar,...          |
| b. Miyo k-(a)-on-(a)-aka nikhule,... | 'Enquanto eu estava a ver rato,...       |
| c. Miyo k-a-khorom-(a)-aka,...       | 'Enquanto eu estava a ajoelhar-me,...    |
| d. Miyo k-a-tek-(a)-aka empa,...     | 'Enquanto eu estava a construir casa,... |
| e. Hiyo n-(a)-ett-(a)-ahu,...        | 'Enquanto estávamos a andar,...          |
| f. Hiyo n-(a)-on-(a)-ahu nikhule,... | 'Enquanto estávamos a ver rato,...       |
| g. Hiyo n-a-khorom-a-ahu,...         | 'Enquanto estávamos a ajoelhar-nos,...   |

- h. Hiyo n-a-tek-a-ahu empa,... 'Enquanto estávamos a construir casa,...'
- b) Forma negativa:**
- i. Miyo k-a-h(a)-ett-(a)-aka,... 'Enquanto eu não andava,...'
- j. Miyo k-a-h(a)-on-(a)-aka nikhule,... 'Enquanto eu não estava a ver rato,...'
- k. Miyo k-a-ha-khorom-(a)-aka,... 'Enquanto eu não me estava a ajoelhar,...'
- l. Miyo k-a-ha-tek-(a)-aka empa,... 'Enquanto eu não estava a construir casa,...'
- m. Hiyo n-a-h(a)-ett-(a)-ahu,... 'Enquanto não estávamos a andar,...'
- n. Hiyo n-a-h(a)-on-(a)-ahu nikhule,... 'Enquanto não estávamos a ver rato,...'
- o. Hiyo n-a-ha-khorom-(a)-ahu,... 'Enquanto não nos estávamos a ajoelhar,...'
- p. Hiyo n-a-ha-tek-(a)-ahu empa,... 'Enquanto não estávamos a construir casa,...'

Em (21a) – (21p) temos frases que descrevem eventos em progresso no passado remoto, onde (21i) – (21p) correspondem, respectivamente, às formas negativas das frases (21a) – (21h).

Note-se que a sua forma aspectual é marcada por um sufixo *-a-* que é seguido imediatamente pelos sufixos que enfatizam a pertença da acção ao sujeito, *-aka* e *-ahu*, na primeira pessoa do singular e do plural, respectivamente.

E a forma negativa das frases desta forma aspectual, como se observa em (21i) – (21p), é marcada através do prefixo *-ha-* que antecede, quando não presente a MO, à raiz e segue à MT.

Visto que a marca do aspecto imperfectivo progressivo é seguida por um morfema que tem em posição inicial uma vogal baixa, a vogal baixa do sufixo da MA quando se liga à



vogal baixa dos sufixos que enfatizam a pertença da acção ao sujeito sofre apagamento, recompensando-se por alongamento da vogal seguinte (cf. (21a) – (21p) e a regra (19)).

Além da elisão da vogal baixa da MA, opera-se ainda, nas frases afirmativas desta forma aspectual, a elisão da vogal baixa do prefixo da MT remoto quando este morfema antecede imediatamente as vogais em posição inicial das raízes verbais. Este processo pode ser observado em (21a), (21b), (21e) e (21f) e é também previsto nas regras (19) e (20).

E em verbos como os dos exemplos que se seguem:

- (22) a. Miyo k-(a)-itth-(a)-aka mwaapu,... 'Enquanto eu estava a entornar panela,...'
- b. Hiyo n-(a)-itth-(a)-ahu mwaapu. 'Enquanto estávamos a entornar panela,...'
- c. Miyo k-(a)-unkom-(a)-aka,... 'Enquanto eu estava a sentar-me,...'
- d. Hiyo n-(a)-unkom-(a)-ahu,... 'Enquanto estávamos a sentar-nos,...'
- e. Miyo k-(a)-al-(a)-aka marapo,... 'Enquanto eu estava a semear abóboras,...'
- f. Hiyo n-(a)-al-(a)-ahu marapo,... 'Enquanto estávamos a semear abóboras,...'

onde se tem vogal alta ou vogal baixa em posição inicial da raiz verbal, observa-se que a vogal baixa da MT, ao anteceder imediatamente a este tipo de vogais, também é elidida, recompensando-se pelo alongamento da vogal seguinte, e podendo ainda ser descrita através das regras (19) e (20).

Entretanto, em frases negativas do aspecto imperfectivo progressivo, como se observa em (21i) – (21p), opera-se ainda a elisão da vogal baixa do prefixo da MN quando antecede imediatamente as vogais médias em posição inicial das raízes, como se verifica em (21i), (21j), (21m) e (21n), podendo ainda ser interpretada através da regra estabelecida em (20). E

é de prever que também se opere elisão se a mesma vogal do prefixo da MN anteceder às raízes com vogal alta ou vogal baixa em posição inicial (cf. (20)).

iii. Aspecto imperfectivo não-progressivo

a) Forma afirmativa:

(23) a. Miyo keetta [vathi].	'Eu andava [à pé]'
b. Miyo koonā nikhule.	'Eu via rato'
c. Miyo kakhoroma [vathi].	'Eu ajoelhava-me [no chão]'
d. Miyo kateka empa.	'Eu construía casa'
e. Hiyo neetta [vathi].	'Andávamos [à pé]'
f. Hiyo noonā nikhule.	'Víamos rato'
g. Hiyo nakhoroma [vathi]	'Ajoelhávamos [no chão]'
h. Hiyo nateka empa.	'Construíamos casa'

b) Forma negativa:

i. Miyo n-k-(a)-ett-a.	'Eu não andava'
j. Miyo n-k-(a)-on-a nikhule.	'Eu não via rato'
k. Miyo n-k-a-khorom-a.	'Eu não me ajoelhava'
l. Miyo n-k-a-tek-a empa.	'Eu não construía casa'
m. Hiyo kha-n-(a)-ett-a.	'Não andávamos'
n. Hiyo kha-n-(a)-on-a nikhule.	'Não víamos rato'
o. Hiyo kha-n-a-khorom-a.	'Não nos ajoelhávamos'

p. Hiyo kha-n-a-tek-a empa.

'Não construíamos casa'

As frase (23a) - (23p) representam o aspecto imperfectivo não-progressivo do passado remoto em Emakhuwa. Note-se que, contrariamente às outras formas aspectuais deste tempo, quer nas frases afirmativas, (23a) - (23h), quer nas frases negativas, (23i) - (23p), o aspecto imperfectivo não-progressivo não tem a marcação morfológica, isto é, tem o morfema zero.

E à semelhança do aspecto imperfectivo habitual, o imperfectivo não-progressivo tem como MN os prefixos *n-* e *kha-* que antecedem imediatamente a MS. Note-se ainda que nesta forma aspectual, as frases negativas são semelhantes às formas negativas do imperfectivo habitual.

Visto que a MA é zero, interessa-nos nesta forma aspectual analisar o comportamento da MT. Esta marca, como se observa em (23a) - (23p), é antecedida pela MS e seguida da raiz ou base verbal. Na sequência desta ordem, e à semelhança do que acontece com a MT nas outras formas aspectuais descritas neste estudo, em (23a) - (23b), (23e) - (23f), (23i) - (23j) e (23m) - (23n), onde a raiz verbal tem as vogais médias em posição inicial, a vogal baixa da MT é elidida quando antecede imediatamente aquelas vogais, podendo ser interpretada a partir das regras (19) e (20) anteriores. E tendo em conta a generalidade destas duas regras, é de prever que também ocorra a elisão da vogal baixa da MT quando anteceder vogais altas ou vogal baixa em posição inicial das raízes verbais (cf. (19) e (20)).

Há que salientar ainda que esta forma aspectual pode ser confundível com algumas formas perfectivas do mesmo tempo, pois, em Emakhuwa, podem-se realizar as formas

perfectivas sem, no entanto, marcarem-se pelo morfema *-hi-* distinguindo-se, assim, da forma não-progressiva através do tom, como se apresenta a seguir:

- |                           |                              |
|---------------------------|------------------------------|
| (24) a. Miyo kálya enika. | 'Eu tinha comido banana'     |
| Hiyo nálya enika.         | 'Nós tínhamos comido banana' |
| b. Hiyo kalya enika.      | 'Eu comia banana'            |
| Hiyo nalya enika.         | 'Nós comíamos banana'        |

Como se pode observar, mesmo sem o morfema *-hi-*, a marca morfológica que caracteriza o aspecto perfectivo no passado remoto, as frases (24a) distinguem-se das frases (24b) pelo facto de as primeiras serem perfectivas, marcadas através do tom alto na vogal da MT, e as últimas serem imperfectivas (não-progressivas), marcadas a partir do tom baixo também na vogal da MT. Neste sentido, o tom em Emakhuwa tem a função fonológica.

Ainda nesta língua, o uso da forma progressiva não é obrigatória, pois a semântica das frases (23a) – (23p) inclui o significado das frases (21a) – (21p), razão pela qual afirmamos anteriormente que o uso específico da forma progressiva é opcional, isto é, o imperfectivo não-progressivo não exclui o significado da forma progressiva.

As formas verbais afirmativas do aspecto imperfectivo não-progressivo, independentemente de as suas bases serem de carácter transitivo ou não, pedem sempre um complemento.

Daí, supostamente, a razão pela qual esta forma aspectual, em muitos estudos como Kroger (2003), Prata (1960), que ao estabelecer os tempos verbais da língua Makhuwa,

fazem um paralelismo de análise com as gramáticas tradicionais do português, consideram-na pretérito imperfeito, em oposição ao pretérito perfeito.

## CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

### 1.0 Introdução

Neste capítulo vamos apresentar as constatações observadas no decurso deste trabalho, assim como algumas recomendações para futuros trabalhos sobre esta língua.

De salientar ainda que além das constatações que serão feitas, tanto em forma de resposta às questões orientadoras colocadas anteriormente, como em forma de levantamento dos fenómenos mais destacáveis observados ao longo deste estudo, apresentaremos ainda as dificuldades enfrentadas no decurso deste trabalho.

### 1.1 Conclusões

Os objectivos centrais deste estudo eram (i) identificar os morfemas que marcam o passado remoto e as diversas formas do aspecto imperfectivo desse mesmo tempo na língua Makhuwa; e (ii) descrever as manifestações fonológicas dos morfemas em causa nas formas verbais afirmativas e negativas.

Como se verificou, o que se pretendia identificar e descrever neste estudo não era somente a marca do passado remoto, como também os elementos que marcam o aspecto imperfectivo deste mesmo tempo verbal. Daí o uso do plural 'marcas'.

Este trabalho mostrou que em Emakhuwa, o tempo remoto e algumas formas aspectuais do imperfectivo são marcados morfologicamente, excepto o imperfectivo não-progressivo. Este aspecto apresenta marca zero na estrutura de forma verbal em Emakhuwa.

Note-se que enquanto o passado remoto, como vimos anteriormente, é marcado pelo prefixo -a- e as formas aspectuais do imperfectivo habitual e do imperfectivo progressivo são

marcadas, respectivamente, pelo prefixo *-ni-* e pelo sufixo *-a-*, o imperfeito não-progressivo não tem marcação morfológica, isto é, tem o morfema zero.

Todavia, diferente do que acontece na maioria das línguas bantu que, segundo Ngunga (2004:165-6), “geralmente o zero indica o aspecto perfectivo e o(s) outro(s) indica(m) o aspecto imperfeito”, em Emakhuwa, a forma perfectiva do mesmo tempo verbal tem a marcação morfológica através do sufixo *-hi-*.

Neste estudo também mostramos que os morfemas que marcam o tempo e as formas aspectuais anteriormente referidos sofrem determinadas alterações de acordo com os contextos em que eles ocorrem.

Assim, o morfema que marca o aspecto imperfeito habitual (*-ni-*) no passado remoto em Emakhuwa tem alternado com o morfema zero em determinadas situações devido à imposição de algumas condições morfo-sintáticas, pois o morfema dessa forma aspectual apaga-se quando as formas verbais afirmativas do passado remoto são passadas para as formas negativas.

E nas situações em que não se opera a passagem da forma afirmativa para negativa, observa-se apenas o apagamento da vogal alta do morfema que marca o aspecto imperfeito habitual, quando ela precede os morfemas com vogais em posição inicial, representando-se a partir da seguinte regra:

(25). [+alt; +ant] → Ø / - [+sil; -nas]

A elisão aplica-se também às vogais da MT e dos outros morfemas que marcam o aspecto.

No entanto, quando as vogais dos morfemas do tempo verbal, do imperfectivo habitual e do imperfectivo progressivo precedem morfemas com vogais em posição inicial sofrem apagamento que é compensado através do alongamento da vogal seguinte, representando-se assim da seguinte forma:

(26). [+sil; -arred] → Ø / - [+sil;-nas]

Embora o aspecto perfectivo do passado remoto em Emakhuwa não faça parte do objecto do nosso estudo, há que salientar que a vogal alta anterior do morfema que marca esta forma aspectual também sofre as modificações descritas, tanto de forma particular na regra (25), como de forma genérica na regra (26).

Outra conclusão a que chegamos através da análise dos dados é que nem todos os processos fonológicos que se operam sobre os marcadores do tempo e do aspecto verbais são do nível segmental. Com efeito, como se observou em alguns exemplos, além de ser marcado através do prefixo *-hi-*, o aspecto perfectivo no passado remoto em Emakhuwa pode realizar-se também através do morfema zero, distinguindo-se do aspecto imperfectivo não-progressivo a partir do tom.

Todavia, ao invés apenas dos processos fonológicos realizados ao nível segmental a partir das restrições morfo-sintáticas, o tom distingue as duas formas aspectuais destacadas anteriormente através da sua altura. A vogal da MT tem tom alto para representar o aspecto perfectivo e tem o tom baixo para representar o aspecto imperfectivo não-progressivo.

E porque o tom ainda não foi padronizado na ortografia da língua em estudo, nos dados ilustrativos procuramos distinguir apenas o tom alto dos restantes por meio do



diacrítico ('). Portanto, este diacrítico usamos para marcar somente o segmento com o tom alto.

## 1.2 Recomendações

No decurso deste trabalho notou-se que há ainda muitos fenómenos que merecem destaque para uma compreensão global da forma do funcionamento da gramática da língua em estudo. Isto quer dizer que o estudo por nós realizado não deve ser entendido como o último sobre o assunto, mas deve servir de base para futuros estudos. Esperamos que o presente estudo tenha contribuído para o conhecimento da gramática da língua, bem como para o seu desenvolvimento quer em termos de expansão do material escrito de que ele carece quer em termos da sua promoção.

## Bibliografia

- Afido, P. (1995). *Osoma ni Olepa Emakhuwa*. República de Moçambique: AAIM.
- Afido, P. (1997). *Olavula Emakhuwa*. República de Moçambique: AAIM.
- Afido, P. (1997a). Contribuição para o Estudo dos Morfemas do Presente do Indicativo no Emakhuwa. Maputo: UEM (não publicada).
- Bauer, L. (1988). *Introducing Linguistic Morphology*. Bristol: J. W. Arrowsmith, Lda.
- Canonici, N. N. (1991). *A Manual of Comparative Bantu Studies*. Durban: Department of Zulu Language & Literature – University of Natal.
- Chomsky, N. & M. Halle (1968). *The Sound Pattern of English*. The MIT Press. Cambridge. Massachusetts.
- Comrie, B. (1976). *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Comrie, B. (1985). *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dacala, A. C. (1994). *Variação Alomórficas no Nome em Ciyao (Yao) e Cicopi (Copi)*. Maputo: UEM (não publicada).
- Firmino, G. (coord.). 2000. *Situação Linguística de Moçambique: Dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação de 1997*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- Gleason, Jr. H. A. (1961). *Introdução à Linguística Descritiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (tradução de João Pinguelo).
- Guthrie, M. (1967-71). *Comparative Bantu*. Vol. I-V. London.
- Hyman, L. M. (1975). *Phonology: Theory and Analysis*. USA: University of Southern California.
- Katamba, F. (1989). *An Introduction to Phonology*. London & New York: Longman.

- Katupha, M. (1988). "O Panorama Linguístico de Moçambique e a Contribuição da Linguística na Definição de Uma Política Linguística Apropriada". *Lua Nova*: 27-31.
- Katupha, J. M. (1991). *The Grammar of Emakhuwa Verbal Extensions: An Investigation of the Role of the Extension Morphemes in the Derivational Verbal Morphology and in Grammatical Relations*. London: University of London (não publicada).
- Kroger, O. (2003). *Uma Breve Gramática da Língua Macua*. Nampula: SIL.
- Liphola, J. M. (2001). *Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde*. The Ohiyo State University (não publicada).
- Macalane, G. (1993). *Tempo e Aspecto em Cinyanja*. Maputo: Instituto Superior Pedagógico (não publicada).
- Mateus, M. et al (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. 3ª Edição. Lisboa: Editorial Caminho.
- Mutaka, N. & P. Tamanji (2000). *An Introduction to African Linguistics*. Lincom.
- Malompelo a Akristu. (1985). *Anchilo* (Nampula): Centro Catequético Paulo VI.
- NELIMO / INDE. (1989). *I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: UEM / NELIMO / INDE.
- Ngunga, A. (1987). *A Comparative Study of Shona and Yao Noun Classes*. Harare: Zimbabwe University (não publicada).
- Ngunga, A. (2000). *Phonology and Morphology of the Ciyao Verb*. United States: CSLI Publications.
- Ngunga, A. (2002). *Elementos de Gramática da Língua Yao*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.

Odden, D. (1996). *The Phonology and Morphology of Kimatuumbi*. United States: Oxford.

Prata, A. P. (1960). *Gramática da Língua Macua (e seu dialectos)*. Lisboa: Cucujães –  
Sociedade Missionária Portuguesa.

Prata, A. P. (1990). *Dicionário Macua-Português*. Lisboa: Cucujães – Sociedade  
Missionária Portuguesa.

Sitoe, B. (1996). *Dicionário Changana – Português*. Maputo: INDE.

Sitoe, B. & A. Ngunga (eds). 2000. *Relatório do II Seminário sobre a Padronização  
da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO/ UEM.

Victorino, V. (1995). *Estudo Comparativo Fonológico das Variantes do Emakhuwa:  
Implicações Ortográficas*. Maputo: UEM (não publicada).

Weiss, H. (1988). *Introdução à Fonética Articulatória: Guia de Exercícios*. São Paulo:  
Almedina.

Anexos

Anexo 1



Universidade Eduardo Mondlane  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Departamento de Linguística e Literatura

---

Nome Completo: \_\_\_\_\_; Idade: \_\_\_\_\_ Anos;

Natural de: \_\_\_\_\_; Língua Materna: \_\_\_\_\_

**Ficha de entrevista com os falantes da língua Makhuwa**

1. Eu comia banana.
2. Eu não comia banana.
3. Enquanto (tu) chegavas, eu comia banana.
4. Enquanto (tu) chegavas, eu não comia banana.
5. Enquanto eu estava a comer banana, tu dormias.
6. Enquanto eu não estava a comer banana, tu dormias.
7. Quando (tu) chegaste, eu (já) comia banana.
8. Quando (tu) chegaste, eu (já) não comia banana.
9. Quando eu comia banana, tu dormias.
10. Quando eu não comia banana, tu dormias.
11. Eu costumava comer banana.
12. Eu não costumava comer banana.
13. Eu estava a comer banana.

14. Eu não estava a comer banana.
15. Eu tinha comido banana.
16. Eu não tinha comido banana.
17. Quando (tu) chegaste, eu (já) tinha comido banana.
18. Quando (tu) chegaste, eu (já) não tinha comido banana.
19. Quando eu (já) tinha comido banana, tu não estavas.
20. Quando eu (já) não tinha comido banana, tu não estavas.
21. Nós comíamos banana.
22. Nós não comíamos banana.
23. Enquanto (tu) chegavas, nós comíamos banana.
24. Enquanto (tu) chegavas, nós não comíamos banana.
25. Enquanto (nós) estávamos a comer banana, tu dormias.
26. Enquanto (nós) não estávamos a comer banana, tu dormias.
27. Quando (tu) chegaste, nós (já) comíamos banana.
28. Quando (tu) chegaste, nós (já) não comíamos banana.
29. Quando nós comíamos banana, tu dormias.
30. Quando nós não comíamos banana, tu dormias.
31. Nós costumávamos comer banana.
32. Nós não costumávamos comer banana.
33. Nós estávamos a comer banana.
34. Nós não estávamos a comer banana.
35. Nós tínhamos comido banana.
36. Nós não tínhamos comido banana.

37. Quando (tu) chegaste, nós (já) tínhamos comido banana.
38. Quando (tu) chegaste, nós (já) não tínhamos comido banana.
39. Quando nós (já) tínhamos comido banana, tu não estavas.
40. Quando nós (já) não tínhamos comido banana, tu não estavas.
  
41. Eu construía casa.
42. Eu não construía casa.
43. Enquanto (tu) chegavas, eu construía casa.
44. Enquanto (tu) chegavas, eu não construía casa.
45. Enquanto eu estava a construir casa, tu dormias.
46. Enquanto eu não estava a construir casa, tu dormias.
47. Quando (tu) chegaste, eu (já) construía casa.
48. Quando (tu) chegaste, eu (já) não construía casa.
49. Quando eu construía casa, tu dormias.
50. Quando eu não construía casa, tu dormias.
51. Eu costumava construir casa.
52. Eu não costumava construir casa.
53. Eu estava a construir casa.
54. Eu não estava a construir casa.
55. Eu tinha construído casa.
56. Eu não tinha construído casa.
57. Quando (tu) chegaste, eu (já) tinha construído casa.
58. Quando (tu) chegaste, eu (já) não tinha construído casa.



59. Quando eu (já) tinha construído casa, tu não estavas.
60. Quando eu (já) não tinha construído casa, tu não estavas.
61. Nós construíamos casa.
62. Nós não construíamos casa.
63. Enquanto (tu) dormias, nós construíamos casa.
64. Enquanto (tu) dormias, nós não construíamos casa.
65. Enquanto (nós) estávamos a construir casa, tu dormias.
66. Enquanto (nós) não estávamos a construir casa, tu dormias.
67. Quando (tu) chegaste, nós (já) construíamos casa.
68. Quando (tu) chegaste, nós (já) não construíamos casa.
69. Quando nós construíamos casa, tu dormias.
70. Quando nós não construíamos casa, tu dormias.
71. Nós costumávamos construir casa.
72. Nós não costumávamos construir casa.
73. Nós estávamos a construir casa.
74. Nós não estávamos a construir casa.
75. Nós tínhamos construído casa.
76. Nós não tínhamos construído casa.
77. Quando (tu) chegaste, nós (já) tínhamos construído casa.
78. Quando (tu) chegaste, nós (já) não tínhamos construído casa.
79. Quando nós (já) tínhamos construído casa, tu não estavas.
80. Quando nós (já) não tínhamos construído casa, tu não estavas.

81. Eu andava.
82. Eu não andava.
83. Enquanto (tu) descansavas, eu andava.
84. Enquanto (tu) descansavas, eu não andava.
85. Enquanto eu estava a andar, tu descansavas.
86. Enquanto eu não estava a andar, tu descansavas.
87. Quando (tu) chegaste, eu (já) andava.
88. Quando (tu) chegaste, eu (já) não andava.
89. Quando eu andava, tu descansavas.
90. Quando eu não andava, tu descansavas.
91. Eu costumava andar.
92. Eu não costumava andar.
93. Eu estava a comer andar.
94. Eu não estava a andar.
95. Eu tinha andado.
96. Eu não tinha andado.
97. Quando (tu) chegaste, eu (já) tinha andado.
98. Quando (tu) chegaste, eu (já) não tinha andado.
99. Quando eu (já) tinha andado, tu não estavas.
100. Quando eu (já) não tinha andado, tu não estavas.
101. Nós andávamos.
102. Nós não andávamos.
103. Enquanto (tu) descansavas, nós andávamos.

104. Enquanto (tu) descansavas, nós não andávamos.
105. Enquanto (nós) estávamos a andar, tu descansavas.
106. Enquanto (nós) não estávamos a andar, tu descansavas.
107. Quando (tu) chegaste, nós (já) andávamos.
108. Quando (tu) chegaste, nós (já) não andávamos.
109. Quando nós andávamos, tu descansavas.
110. Quando nós não andávamos, tu descansavas.
111. Nós costumávamos andar.
112. Nós não costumávamos andar.
113. Nós estávamos a andar.
114. Nós não estávamos a andar.
115. Nós tínhamos andado.
116. Nós não tínhamos andado.
117. Quando (tu) chegaste, nós (já) tínhamos andado.
118. Quando (tu) chegaste, nós (já) não tínhamos andado.
119. Quando nós (já) tínhamos andado, tu não estavas.
120. Quando nós (já) não tínhamos andado, tu não estavas.
121. Eu ajoelhava-me.
122. Eu não me ajoelhava.
123. Enquanto (tu) chegavas, eu ajoelhava-me.
124. Enquanto (tu) chegavas, eu não me ajoelhava.
125. Enquanto eu estava a ajoelhar-me, tu descansavas.

126. Enquanto eu não me estava a ajoelhar, tu descansavas.
127. Quando (tu) chegaste, eu (já) me ajoelhava.
128. Quando (tu) chegaste, eu (já) não me ajoelhava.
129. Quando eu me ajoelhava, tu descansavas.
130. Quando eu não me ajoelhava, tu descansavas.
131. Eu costumava ajoelhar-me.
132. Eu não costumava ajoelhar-me.
133. Eu estava a ajoelhar-me.
134. Eu não estava a ajoelhar-me.
135. Eu tinha-me ajoelhado.
136. Eu não me tinha ajoelhado.
137. Quando (tu) chegaste, eu (já) me tinha ajoelhado.
138. Quando (tu) chegaste, eu (já) não me tinha ajoelhado.
139. Quando eu (já) me tinha ajoelhado, tu não estavas.
140. Quando eu (já) não me tinha ajoelhado, tu não estavas.
141. Nós ajoelhávamo-nos.
142. Nós não nos ajoelhávamos.
143. Enquanto (tu) descansavas, nós ajoelhávamo-nos.
144. Enquanto (tu) descansavas, nós não nos ajoelhávamos.
145. Enquanto (nós) estávamos a ajoelhar-nos, tu descansavas.
146. Enquanto (nós) não nos estávamos a ajoelhar, tu descansavas.
147. Quando (tu) chegaste, nós (já) nos ajoelhávamos.
148. Quando (tu) chegaste, nós (já) não nos ajoelhávamos.

149. Quando nós nos ajoelhávamos, tu descansavas.
150. Quando nós não nos ajoelhávamos, tu descansavas.
151. Nós costumávamo-nos ajoelhar.
152. Nós não nos costumávamos ajoelhar.
153. Nós estávamos a ajoelhar-nos.
154. Nós não estávamos a ajoelhar-nos.
155. Nós tínhamo-nos ajoelhado.
156. Nós não nos tínhamos ajoelhado.
157. Quando (tu) chegaste, nós (já) nos tínhamos ajoelhado.
158. Quando (tu) chegaste, nós (já) não nos tínhamos ajoelhado.
159. Quando nós (já) nos tínhamos ajoelhado, tu não estavas.
160. Quando nós (já) não nos tínhamos ajoelhado, tu não estavas.
161. Eu via rato.
162. Eu não via rato.
163. Enquanto (tu) chegavas, eu via rato.
164. Enquanto (tu) chegavas, eu não via rato.
165. Enquanto eu estava a ver rato, tu dormias.
166. Enquanto eu não estava a ver rato, tu dormias.
167. Quando (tu) chegaste, eu (já) via rato.
168. Quando (tu) chegaste, eu (já) não via rato.
169. Quando eu via rato, tu dormias.
170. Quando eu não via rato, tu dormias.

171. Eu costumava ver rato.
172. Eu não costumava ver rato.
173. Eu estava a ver rato.
174. Eu não estava a ver rato.
175. Eu tinha visto rato.
176. Eu não tinha visto rato.
177. Quando (tu) chegaste, eu (já) tinha visto rato.
178. Quando (tu) chegaste, eu (já) não tinha visto rato.
179. Quando eu (já) tinha visto rato, tu não estavas.
180. Quando eu (já) não tinha visto rato, tu não estavas.
181. Nós víamos rato.
182. Nós não víamos rato.
183. Enquanto (tu) chegavas, nós víamos rato.
184. Enquanto (tu) chegavas, nós não víamos rato.
185. Enquanto (nós) estávamos a ver rato, tu dormias.
186. Enquanto (nós) não estávamos a ver rato, tu dormias.
187. Quando (tu) chegaste, nós (já) víamos rato.
188. Quando (tu) chegaste, nós (já) não víamos rato.
189. Quando nós víamos rato, tu dormias.
190. Quando nós não víamos rato, tu dormias.
191. Nós costumávamos ver rato.
192. Nós não costumávamos ver rato.
193. Nós estávamos a ver rato.

194. Nós não estávamos a ver rato.
195. Nós tínhamos visto rato.
196. Nós não tínhamos visto.
197. Quando (tu) chegaste, nós (já) tínhamos visto rato.
198. Quando (tu) chegaste, nós (já) não tínhamos visto rato.
199. Quando nós (já) tínhamos visto rato, tu não estavas.
200. Quando nós (já) não tínhamos visto rato, tu não estavas.
201. Eu pisava espinho.
202. Eu não pisava espinho.
203. Enquanto (tu) descansavas, eu pisava espinho.
204. Enquanto (tu) descansavas, eu não pisava espinho.
205. Enquanto eu estava a pisar espinho, tu descansavas.
206. Enquanto eu não estava a pisar, tu descansavas.
207. Quando (tu) chegaste, eu (já) pisava espinho.
208. Quando (tu) chegaste, eu (já) não pisava espinho.
209. Quando eu pisava espinho, tu dormias.
210. Quando eu não pisava espinho, tu dormias.
211. Eu costumava pisar espinho.
212. Eu não costumava pisar espinho.
213. Eu estava a pisar espinho.
214. Eu não estava a pisar espinho.
215. Eu tinha pisado espinho.

216. Eu não tinha pisado espinho.
217. Quando (tu) chegaste, eu (já) tinha pisado espinho.
218. Quando (tu) chegaste, eu (já) não tinha pisado espinho.
219. Quando eu (já) tinha pisado espinho, tu não estavas.
220. Quando eu (já) não tinha pisado espinho, tu não estavas.
221. Nós pisávamos espinho.
222. Nós não pisávamos espinho.
223. Enquanto (tu) descansavas, nós pisávamos espinho.
224. Enquanto (tu) descansavas, nós não pisávamos espinho.
225. Enquanto (nós) estávamos a pisar espinho, tu dormias.
226. Enquanto (nós) não estávamos a pisar espinho, tu dormias.
227. Quando (tu) chegaste, nós (já) pisávamos espinho.
228. Quando (tu) chegaste, nós (já) não pisávamos espinho.
229. Quando nós pisávamos espinho, tu descansavas.
230. Quando nós não pisávamos, tu descansavas.
231. Nós costumávamos pisar espinho.
232. Nós não costumávamos pisar espinho.
233. Nós estávamos a pisar espinho.
234. Nós não estávamos a pisar espinho.
235. Nós tínhamos pisado espinho.
236. Nós não tínhamos pisado espinho.
237. Quando (tu) chegaste, nós (já) tínhamos pisado espinho.
238. Quando (tu) chegaste, nós (já) não tínhamos pisado espinho.



239. Quando nós (já) tínhamos pisado espinho, tu não estavas.
240. Quando nós (já) não tínhamos pisado espinho, tu não estavas.
241. Eu saía.
242. Eu não saía.
243. Enquanto (tu) descansavas, eu saía.
244. Enquanto (tu) descansavas, eu não saía.
245. Enquanto eu estava a sair, tu descansavas.
246. Enquanto eu não estava a sair, tu descansavas.
247. Quando (tu) chegaste, eu (já) saía.
248. Quando (tu) chegaste, eu (já) não saía.
249. Quando eu saía, tu descansavas.
250. Quando eu não saía, tu descansavas.
251. Eu costumava sair.
252. Eu não costumava sair.
253. Eu estava a comer sair.
254. Eu não estava a sair.
255. Eu tinha saído.
256. Eu não tinha saído.
257. Quando (tu) chegaste, eu (já) tinha saído.
258. Quando (tu) chegaste, eu (já) não tinha saído.
259. Quando eu (já) tinha saído, tu não estavas.
260. Quando eu (já) não tinha saído, tu não estavas.

261. Nós saíamos.
262. Nós não saíamos.
263. Enquanto (tu) descansavas, nós saíamos.
264. Enquanto (tu) descansavas, nós não saíamos.
265. Enquanto (nós) estávamos sair, tu descansavas.
266. Enquanto (nós) não estávamos a sair, tu descansavas.
267. Quando (tu) chegaste, nós (já) saíamos.
268. Quando (tu) chegaste, nós (já) não saíamos.
269. Quando nós saíamos, tu descansavas.
270. Quando nós não saíamos, tu descansavas.
271. Nós costumávamos sair.
272. Nós não costumávamos sair.
273. Nós estávamos a sair.
274. Nós não estávamos a sair.
275. Nós tínhamos saído.
276. Nós não tínhamos saído.
277. Quando (tu) chegaste, nós (já) tínhamos saído.
278. Quando (tu) chegaste, nós (já) não tínhamos saído.
279. Quando nós (já) tínhamos saído, tu não estavas.
280. Quando nós (já) não tínhamos saído, tu não estavas.
281. Eu vinha.
282. Eu não vinha.

283. Enquanto (tu) rezavas, eu vinha.
284. Enquanto (tu) rezavas, eu não vinha.
285. Enquanto eu estava a vir, tu descansavas.
286. Enquanto eu não estava a vir, tu descansavas.
287. Quando (tu) rezaste, eu (já) vinha.
288. Quando (tu) rezaste, eu (já) não vinha.
289. Quando eu vinha, tu descansavas.
290. Quando eu não vinha, tu descansavas.
291. Eu costumava vir.
292. Eu não costumava vir.
293. Eu estava a vir.
294. Eu não estava a vir.
295. Eu tinha vindo.
296. Eu não tinha vindo.
297. Quando (tu) chegaste, eu (já) tinha vindo.
298. Quando (tu) chegaste, eu (já) não tinha vindo.
299. Quando eu (já) tinha vindo, tu não estavas.
300. Quando eu (já) não tinha vindo, tu não estavas.
301. Nós vínhamos.
302. Nós não vínhamos.
303. Enquanto (tu) rezavas, nós vínhamos.
304. Enquanto (tu) rezavas, nós não vínhamos.
305. Enquanto (nós) estávamos a vir, tu descansavas.

306. Enquanto (nós) não estávamos a vir, tu descansavas.
307. Quando (tu) chegaste, nós (já) vínhamos.
308. Quando (tu) chegaste, nós (já) não vínhamos.
309. Quando nós vínhamos, tu descansavas.
310. Quando nós não vínhamos, tu descansavas.
311. Nós costumávamos vir.
312. Nós não costumávamos vir.
313. Nós estávamos a vir.
314. Nós não estávamos a vir.
315. Nós tínhamos vindo.
316. Nós não tínhamos vindo.
317. Quando (tu) chegaste, nós (já) tínhamos vindo.
318. Quando (tu) chegaste, nós (já) não tínhamos vindo.
319. Quando nós (já) tínhamos vindo, tu não estavas.
320. Quando nós (já) não tínhamos vindo, tu não estavas.

Obrigado pela colaboração e compreensão!

O Entrevistador:

\_\_\_\_\_

(Maurício Bernardo)

Maputo, 2005

Anexo 2

CORPUS

I. Aspecto perfectivo

a) Raízes verbais com consoantes em posição inicial:

A – Forma afirmativa:

- |                            |                            |
|----------------------------|----------------------------|
| 1. Miyo kahilya enika.     | 'Eu tinha comido banana'   |
| Hiyo nahilya enika.        | 'Tínhamos comido banana'   |
| 2. Miyo kahirwa.           | 'Eu tinha vindo'           |
| Hiyo nahirwa.              | 'Tínhamos vindo'           |
| 3. Miyo kahiteka empa.     | 'Eu tinha construído casa' |
| Hiyo nahiteka empa.        | 'Tínhamos construído casa' |
| 4. Miyo kahivenya.         | 'Eu tinha saído'           |
| Hiyo nahivenya.            | 'Tínhamos saído'           |
| 5. Miyo kahikhoroma.       | 'Eu tinha me ajoelhado'    |
| Hiyo nahikhoroma.          | 'Tínhamo-nos ajoelhado'    |
| 6. Miyo kahinyakala mwiwa. | 'Eu tinha pisado espinho'  |
| Hiyo nahinyakala mwiwa.    | 'Tínhamos pisado espinho'  |

B – Forma negativa:

- |                        |                              |
|------------------------|------------------------------|
| 1. Miyo nkaliye enika. | 'Eu não tinha comido banana' |
| Hiyo khanaliye enika.  | 'Não tínhamos comido banana' |
| 2. Miyo nkarwiye.      | 'Eu não tinha vindo'         |
| Hiyo khanarwiye.       | 'Não tínhamos vindo'         |

- |                            |                                |
|----------------------------|--------------------------------|
| 3. Miyo nkatekale empa.    | 'Eu não tinha construído casa' |
| Hiyo khanatekale empa.     | 'Não tínhamos construído casa' |
| 4. Miyo nkavenyale.        | 'Eu não tinha saído'           |
| Hiyo khanavenyale.         | 'Não tínhamos saído'           |
| 5. Miyo nkakhoromale.      | 'Eu não me tinha ajoelhado'    |
| Hiyo khanakhoromale.       | 'Não nos tínhamos ajoelhado'   |
| 6. Miyo nkanyakanle mwiwa. | 'Eu não tinha pisado espinho'  |
| Hiyo khananyakanle mwiwa.  | 'Não tínhamos pisado espinho'  |

**b) Raízes verbais com vogais médias em posição inicial:**

**A – Forma afirmativa:**

- |                          |                       |
|--------------------------|-----------------------|
| 1. Miyo kahoona nikhule. | 'Eu tinha visto rato' |
| Hiyo nahoona nikhule.    | 'Tínhamos visto rato' |
| 2. Miyo kaheetta.        | 'Eu tinha andado'     |
| Hiyo naheetta.           | 'Tínhamos andado'     |

**B – Forma negativa:**

- |                           |                           |
|---------------------------|---------------------------|
| 1. Miyo nkoonale nikhule. | 'Eu não tinha visto rato' |
| Hiyo khanoonale nikhule.  | 'Não tínhamos visto rato' |
| 2. Miyo nkeettale.        | 'Eu não tinha andado'     |
| Hiyo khaneettale.         | 'Não tínhamos andado'     |

## II – Aspecto imperfectivo habitual

### a) Raízes verbais com consoantes em posição inicial:

#### A – Forma afirmativa:

- |                            |                               |
|----------------------------|-------------------------------|
| 1. Miyo kanilya enika.     | 'Eu costumava comer banana'   |
| Hiyo nanilya enika.        | 'Costumávamos comer banana'   |
| 2. Miyo kanirwa.           | 'Eu costumava vir'            |
| Hiyo nanirwa.              | 'Costumávamos vir'            |
| 3. Miyo kaniteka empa.     | 'Eu costumava construir casa' |
| Hiyo naniteka empa.        | 'Costumávamos construir casa' |
| 4. Miyo kanivenya.         | 'Eu costumava sair'           |
| Hiyo nanivenya.            | 'Costumávamos sair'           |
| 5. Miyo kanikhoroma.       | 'Eu costumava ajoelhar-me'    |
| Hiyo nanikhoroma.          | 'Costumávamo-nos ajoelhar'    |
| 6. Miyo kaninyakala mwiwa. | 'Eu costumava pisar espinho'  |
| Hiyo naninyakala mwiwa.    | 'Costumávamos pisar espinho'  |

#### B – Forma negativa:

- |                       |                                   |
|-----------------------|-----------------------------------|
| 1. Miyo nkalya enika. | 'Eu não costumava comer banana'   |
| Hiyo khanalya enika.  | 'Não costumávamos comer banana'   |
| 2. Miyo nkarwa.       | 'Eu não costumava vir'            |
| Hiyo khanarwa.        | 'Não costumávamos vir'            |
| 3. Miyo nkateka empa. | 'Eu não costumava construir casa' |
| Hiyo khanateka empa.  | 'Não costumávamos construir casa' |

- |                           |                                  |
|---------------------------|----------------------------------|
| 4. Miyo nkavenya.         | 'Eu não costumava sair'          |
| Hiyo khanavenya.          | 'Não costumávamos sair'          |
| 5. Miyo nkakhoroma.       | 'Eu não costumava ajoelhar-me'   |
| Hiyo khanakhoroma.        | 'Não costumávamos ajoelhar-nos'  |
| 6. Miyo nkanyakala mwiwa. | 'Eu não costumava pisar espinho' |
| Hiyo khananyakala mwiwa.  | 'Não costumávamos pisar espinho' |

**b) Raízes verbais com vogais médias em posição inicial:**

**A – Forma afirmativa:**

- |                          |                         |
|--------------------------|-------------------------|
| 1. Miyo kanoona nikhule. | 'Eu costumava ver rato' |
| Hiyo nanoona nikhule.    | 'Costumávamos ver rato' |
| 2. Miyo kaneetta.        | 'Eu costumava andar'    |
| Hiyo naneetta.           | 'Costumávamos andar'    |

**B – Forma negativa:**

- |                         |                             |
|-------------------------|-----------------------------|
| 1. Miyo nkoona nikhule. | 'Eu não costumava ver rato' |
| Hiyo khanoona nikhule.  | 'Não costumávamos ver rato' |
| 2. Miyo nkeetta.        | 'Eu não costumava andar'    |
| Hiyo khaneetta.         | 'Não costumávamos andar'    |



### III – Aspecto imperfectivo progressivo

#### a) Raízes verbais com consoantes em posição inicial:

##### A – Forma afirmativa:

- |                                |   |
|--------------------------------|---|
| 1. Miyo kalyaaka enika,...     | ‘Enquanto eu estava a comer banana,...’   |
| Hiyo nalyaahu enika,...        | ‘Enquanto estávamos a comer banana,...’   |
| 2. Miyo karwaaka,...           | ‘Enquanto eu estava a vir,...’            |
| Hiyo narwaahu,...              | ‘Enquanto estávamos a vir,...’            |
| 3. Miyo katekaaka empa,...     | ‘Enquanto eu estava a construir casa,...’ |
| Hiyo natekaahu empa,...        | ‘Enquanto estávamos a construir casa,...’ |
| 4. Miyo kavenyaaka,...         | ‘Enquanto eu estava a sair,...’           |
| Hiyo navenyaahu,...            | ‘Enquanto estávamos a sair,...’           |
| 5. Miyo kakhromaaka,...        | ‘Enquanto eu estava a ajoelhar-me,...’    |
| Hiyo nakhoromaahu.             | ‘Enquanto estávamo-nos a ajoelhar,...’    |
| 6. Miyo kanyakalaaka mwiwa,... | ‘Enquanto eu estava a pisar espinho,...’  |
| Hiyo nanyakalaahu mwiwa,...    | ‘Enquanto estávamos a pisar espinho,...’  |

##### B – Forma negativa:

- |                              |   |
|------------------------------|---|
| 1. Miyo kahalyaaka enika,... | ‘Enquanto eu não estava a comer banana,...’   |
| Hiyo nahalyahu enika,...     | ‘Enquanto não estávamos a comer banana,...’   |
| 2. Miyo kaharwaaka,...       | ‘Enquanto eu não estava a vir,...’            |
| Hiyo naharwaahu,...          | ‘Enquanto não estávamos a vir,...’            |
| 3. Miyo kahatekaaka empa,... | ‘Enquanto eu não estava a construir casa,...’ |
| Hiyo nahatekaahu empa,...    | ‘Enquanto não estávamos a construir casa,...’ |

4. Miyo kahavenyaaka,... 'Enquanto eu não estava a sair,...'  
 Hiyo nahavenyaahu,... 'Enquanto não estávamos a sair,...'
5. Miyo kahakhoromaaka,... 'Enquanto eu não me estava a ajoelhar,...'  
 Hiyo nahakhoromaahu,... 'Enquanto não nos estávamos a ajoelhar,...'
6. Miyo kahanyakalaaka mwiwa,... 'Enquanto eu não estava a pisar espinho,...'  
 Hiyo nahanyakalaahu mwiwa,... 'Enquanto não estávamos a pisar espinho,...'

**b) Raízes verbais com vogais médias em posição inicial:**

**A – Forma afirmativa:**

1. Miyo koonaka nikhule,... 'Enquanto eu estava a ver rato,...'  
 Hiyo noonaahu nikhule,... 'Enquanto estávamos a ver rato,...'
2. Miyo keettaaka,... 'Enquanto eu estava a andar,...'  
 Hiyo neettaahu,... 'Enquanto estávamos a andar,...'

**B – Forma negativa:**

1. Miyo kahoonaaka nikhule,... 'Enquanto eu não estava a ver rato'  
 Hiyo nahoonaahu nikhule,... 'Enquanto não estávamos a ver rato'
2. Miyo kaheettaaka,... 'Enquanto eu não estava a andar'  
 Hiyo naheettaahu,... 'Enquanto não estávamos a andar'

#### IV – Aspecto imperfectivo não-progressivo

##### a) Raízes verbais com consoantes em posição inicial:

##### A – Forma afirmativa:

- |                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|
| 1. Miyo kalya enika.        | ‘Eu comia banana’           |
| Hiyo nalya enika.           | ‘Comíamos banana’           |
| 2. Miyo karwa [vathi].      | ‘Eu vinha [à pé]’           |
| Hiyo narwa [vathi].         | ‘Vínhamos [à pé]’           |
| 3. Miyo kateka empa.        | ‘Eu construía casa’         |
| Hiyo nateka empa.           | ‘Construíamos casa’         |
| 4. Miyo kavenya [mekhaaka]. | ‘Eu saía [sozinho]’         |
| Hiyo navenya [mekhaahu].    | ‘Saíamos [sozinhos]’        |
| 5. Miyo kakhoroma [vathi].  | ‘Eu ajoelhava-me [no chão]’ |
| Hiyo nakhoroma [vathi].     | ‘Ajoelhávamo-nos [no chão]’ |
| 6. Miyo kanyakala mwiwa.    | ‘Eu pisava espinho’         |
| Hiyo nanyakala mwiwa.       | ‘Pisávamos espinho’         |

##### B – Forma negativa:

- |                       |                         |
|-----------------------|-------------------------|
| 1. Miyo nkalya enika. | ‘Eu não comia banana’   |
| Hiyo khanalya enika.  | ‘Não comíamos banana’   |
| 2. Miyo nkarwa.       | ‘Eu não vinha’          |
| Hiyo khararwa.        | ‘Não vínhamos’          |
| 3. Miyo nkateka empa. | ‘Eu não construía casa’ |
| Hiyo khanateka empa.  | ‘Não construíamos casa’ |

- |                           |                         |
|---------------------------|-------------------------|
| 4. Miyo nkavenya.         | 'Eu não saía'           |
| Hiyo khanavenya.          | 'Não saíamos'           |
| 5. Miyo nkakhoroma.       | 'Eu não me ajoelhava'   |
| Hiyo khanakhoroma.        | 'Não nos ajoelhávamos'  |
| 6. Miyo nkanyakala mwiwa. | 'Eu não pisava espinho' |
| Hiyo khananyakala mwiwa.  | 'Não pisávamos espinho' |

**b) Raízes verbais com vogais médias em posição inicial:**

**A – Forma afirmativa:**

- |                         |                    |
|-------------------------|--------------------|
| 1. Miyo kooná nikhule.  | 'Eu via rato'      |
| Hiyo nooná nikhule.     | 'Víamos rato'      |
| 2. Miyo keetta [vathi]. | 'Eu andava [à pé]' |
| Hiyo neetta [vathi].    | 'Andávamos [à pé]' |

**B – Forma negativa:**

- |                         |                   |
|-------------------------|-------------------|
| 1. Miyo nkoona nikhule. | 'Eu via rato'     |
| Hiyo khanoona nikhule.  | 'Não víamos rato' |
| 2. Miyo nkeetta.        | 'Eu não andava'   |
| Hiyo khaneetta.         | 'Não andávamos'   |

### Anexo 3

#### VERBOS ADICIONAIS DO CORPUS

(Raízes verbais com vogais altas ou vogal baixa em posição inicial)

##### I – Aspecto perfectivo

###### a) Forma afirmativa:

- |                           |                             |
|---------------------------|-----------------------------|
| 1. Miyo kahiittha mwaapu. | ‘Eu tinha entornado panela’ |
| Hiyo nahiittha mwaapu.    | ‘Tínhamos entornado panela’ |
| 2. Miyo kahuunkoma.       | ‘Eu tinha me sentado’       |
| Hiyo nahuunkoma.          | ‘Tínhamo-nos sentado’       |
| 3. Miyo kahaala marapo.   | ‘Eu tinha semeado abóboras’ |
| Hiyo nahaala marapo.      | ‘Tínhamos semeado abóboras’ |

###### b) Forma negativa:

- |                            |                                 |
|----------------------------|---------------------------------|
| 1. Miyo nkiitthale mwaapu. | ‘Eu não tinha entornado panela’ |
| Hiyo khaniitthale mwaapu.  | ‘Não tínhamos entornado panela’ |
| 2. Miyo nkuunkomale.       | ‘Eu não me tinha sentado’       |
| Hiyo khanuunkomale.        | ‘Não nos tínhamos sentado’      |
| 3. Miyo nkaalale marapo.   | ‘Eu não tinha semeado abóboras’ |
| Hiyo khanaalale marapo.    | ‘Não tínhamos semeado abóboras’ |

## II – Aspecto imperfectivo habitual

### a) Forma afirmativa:

- |                           |                                |
|---------------------------|--------------------------------|
| 1. Miyo kaniittha mwaapu. | 'Eu costumava entornar panela' |
| Hiyo naniittha mwaapu.    | 'Costumávamos entornar panela' |
| 2. Miyo kanuunkoma.       | 'Eu costumava sentar-me'       |
| Hiyo nanuunkoma.          | 'Costumávamos sentar-nos'      |
| 3. Miyo kanaala marapo.   | 'Eu costumava semear abóboras' |
| Hiyo nanaala marapo.      | 'Costumávamos semear abóboras' |

### b) Forma negativa:

- |                          |                                    |
|--------------------------|------------------------------------|
| 1. Miyo nkiittha mwaapu. | 'Eu não costumava entornar panela' |
| Hiyo khaniittha mwaapu.  | 'Não costumávamos entornar panela' |
| 2. Miyo nkuunkoma .      | 'Eu não costumava sentar-me'       |
| Hiyo khanuunkoma.        | 'Não costumávamos sentar-nos'      |
| 3. Miyo nkaala marapo.   | 'Eu não costumava semear abóboras' |
| Hiyo khanaala marapo.    | 'Não costumávamos semear abóboras' |

### III – Aspecto imperfectivo progressivo

#### a) Forma afirmativa:

1. Miyo kiitthaaka mwaapu,... 'Enquanto eu estava a entornar panela,...'  
Hiyo niitthaahu mwaapu,... 'Enquanto estávamos a entornar panela,...'
2. Miyo kuunkomaaka,... 'Enquanto eu estava a sentar-me,...'  
Hiyo nuunkomaahu,... 'Enquanto estávamos a sentar-nos,...'
3. Miyo kaalaaka marapo,... 'Enquanto eu estava a semear abóboras,...'  
Hiyo naalaahu marapo,... 'Enquanto estávamos a semear abóboras,...'

#### b) Forma negativa:

1. Miyo kahiitthaaka mwaapu,... 'Enquanto eu não estava a entornar panela,...'  
Hiyo nahiitthaahu mwaapu,... 'Enquanto não estávamos a entornar panela,...'
2. Miyo kahuunkomaaka,... 'Enquanto eu não me estava a sentar,...'  
Hiyo nahuunkomaahu,... 'Enquanto não nos estávamos a sentar,...'
3. Miyo kahaalaaka marapo,... 'Enquanto eu não estava a semear abóboras,...'  
Hiyo nahaalaahu marapo,... 'Enquanto não estávamos a semear abóboras,...'

#### I V– Aspecto imperfectivo não-progressivo

##### a) Forma afirmativa:

- |                           |                           |
|---------------------------|---------------------------|
| 1. Miyo kiittha mwaapu.   | ‘Eu entornava panela’     |
| Hiyo niittha mwaapu.      | ‘Entornávamos panela’     |
| 2. Miyo kuunkoma [vathi]. | ‘Eu sentava-me [no chão]’ |
| Hiyo nuunkoma [vathi].    | ‘Sentávamo-nos [no chão]’ |
| 3. Miyo kaala marapo.     | ‘Eu semeava abóboras’     |
| Hiyo naala marapo.        | ‘Semeávamos abóboras’     |

##### b) Forma negativa:

- |                          |                           |
|--------------------------|---------------------------|
| 1. Miyo nkiittha mwaapu. | ‘Eu não entornava panela’ |
| Hiyo khaniittha mwaapu.  | ‘Não entornávamos panela’ |
| 2. Miyo nkuunkoma.       | ‘Eu não me sentava’       |
| Hiyo khanuunkoma.        | ‘Não nos sentávamos’      |
| 3. Miyo nkaala marapo.   | ‘Eu não semeava abóboras’ |
| Hiyo khanaala marapo.    | ‘Não semeávamos abóboras’ |